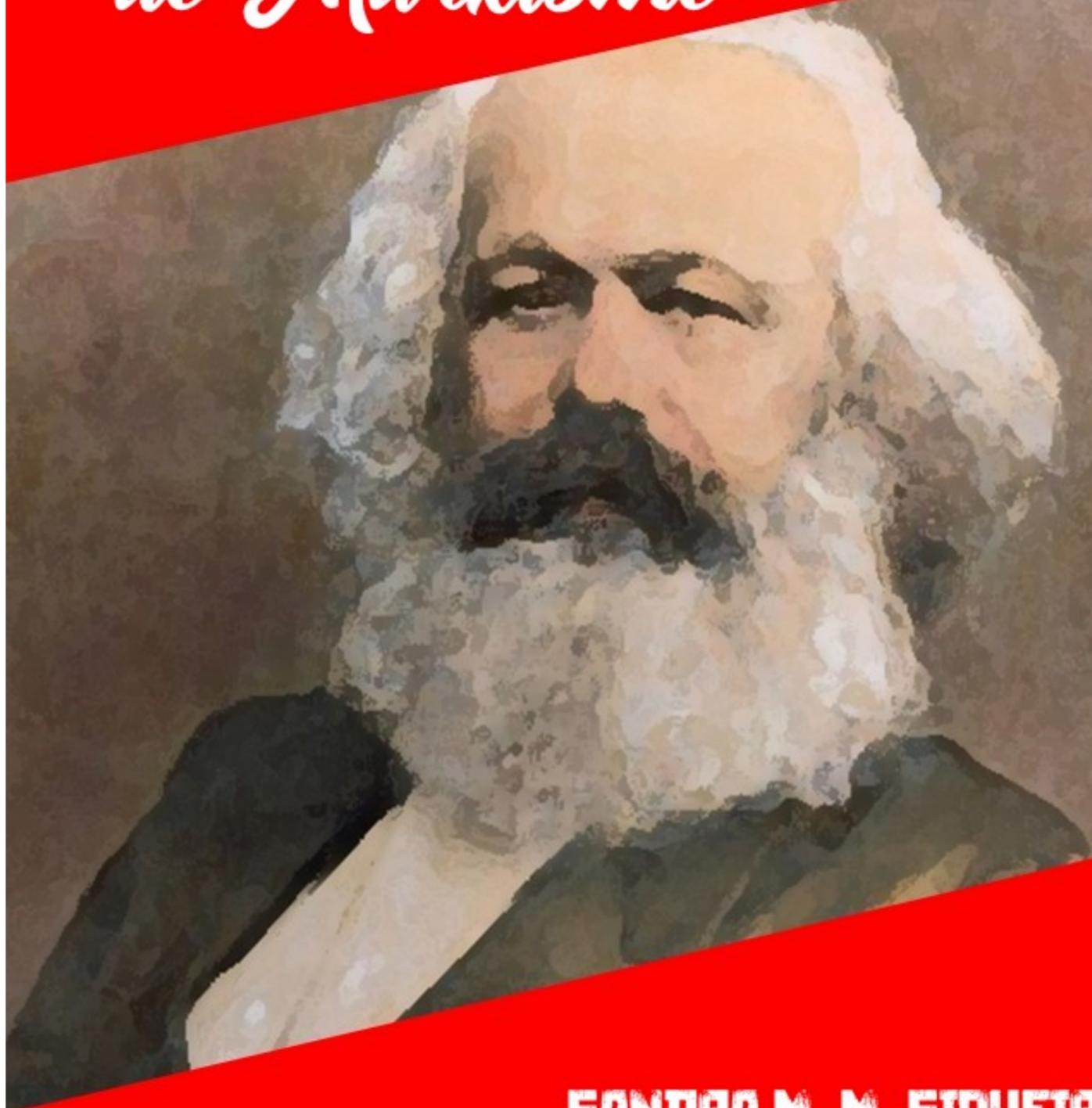


Origem e fontes do Marxismo



**SANDRA M. M. SIQUEIRA
FRANCISCO PEREIRA**



SANDRA M. M. SIQUEIRA

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA) e Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas (LEMARX/UFBA)

FRANCISCO PEREIRA

Professor e Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas (LEMARX/UFBA)

ORIGEM E FONTES DO MARXISMO

Salvador-BA, 2019

**Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas
(LeMarx/FACED/UFBA)**
Título: *Origem e Fontes do Marxismo*
Autores: Sandra M. M. Siqueira e Francisco Pereira
LeMarx/FACED/UFBA
Salvador, novembro de 2019.
Capa: Dielson Costa

Em homenagem aos 149 anos de nascimento de V.I. Lênin, o líder máximo da Revolução Russa, de Outubro de 1917 e aos 100 anos de fundação da Terceira Internacional.

A doutrina de Marx suscita em todo o mundo civilizado a maior hostilidade e o maior ódio de toda a ciência burguesa (tanto a oficial como a liberal), que vê no marxismo uma espécie de “seita perniciosa”. E não se pode esperar outra atitude, pois, numa sociedade baseada na luta de classes não pode haver ciência social “imparcial”. De uma forma ou de outra, toda a ciência oficial e liberal defende a escravidão assalariada, enquanto o marxismo declarou uma guerra implacável a essa escravidão. Esperar que a ciência fosse imparcial numa sociedade de escravidão assalariada seria uma ingenuidade tão pueril como esperar que os fabricantes sejam imparciais quanto à questão da conveniência de aumentar os salários dos operários diminuindo os lucros do capital. (V. I. Lênin, *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*).

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. Apresentação | 7 |
| 2. Origem e fontes do marxismo | 10 |
| 2.1. Uma primeira observação | 10 |
| 2.2. Marx, Engels e o rigor científico-filosófico | 17 |
| 2.3. Materialismo, dialética e marxismo | 21 |
| 2.4. Capitalismo: base material da origem do marxismo | 37 |
| 2.5. Classe trabalhadora: concepção de sociedade e organização política | 50 |
| 2.6. Síntese: do idealismo ao materialismo, do democratismo radical ao comunismo | 64 |
| 2.7. As múltiplas fontes e a síntese marxista | 69 |
| 2.7.1. Historiografia sobre as revoluções burguesas | 69 |
| 2.7.2. Historiografia sobre a revolução industrial | 71 |
| 2.7.3 As pesquisas nas ciências da natureza e sociais | 72 |
| 2.7.4. As teorias políticas modernas | 77 |
| 2.7.5. A arte e a literatura | 78 |
| 3. Conclusões | 82 |
| 4. Bibliografia | 84 |

1. Apresentação

Disponibilizamos ao leitor interessado no estudo do pensamento de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) o texto *Origem e Fontes do Marxismo*, dos militantes e professores marxistas Sandra M. M. Siqueira e Francisco Pereira, na forma de livro eletrônico.

O referido texto foi elaborado originalmente para o Caderno LeMarx n. 1, depois também aproveitado para a produção do Manual 1 sobre o tema do Materialismo Histórico, com o objetivo de subsidiar a Formação Marxista, promovida pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas (LEMARX-UFBA) no segundo semestre de 2019.

O presente estudo trata sobre o tema da origem e das fontes do marxismo. Não pretende ser original. Na verdade, este tema já foi objeto de estudo de Engels na sua obra *Anti-Dühring* (1878), que foi posteriormente resumido sob o título *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (1880). Também foi objeto de análise do revolucionário russo, V. I. Lênin, nos artigos *Friedrich Engels* (1895), *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo* (1913) e *Karl Marx – Breve esboço biográfico seguido de uma exposição do marxismo* (1914).

Quando publicamos esse texto no Caderno LeMarx n.1, dissemos o seguinte:

“Segundo a concepção materialista e dialética da história, as ideias, o pensamento e a consciência têm uma base material profunda. Não existem por si próprias, de forma independente da experiência e das relações sociais, dos indivíduos concretos e das classes sociais. Elas nascem, desenvolvem-se e perecem em determinadas condições histórico-sociais.

O marxismo, fundado por Marx e Engels, não poderia ter destino diferente. Também, tal como as demais correntes de ideias na história da humanidade, nasceu numa época determinada – meados do século XIX -, desenvolveu-se largamente na época imperialista do capitalismo – século XX e primeira décadas do atual -, e chega ao século XXI como uma das correntes de pensamento mais férteis e mais influentes de todos os tempos.

No presente Caderno, ao longo da Introdução, analisamos basicamente três questões importantes:

1) o marxismo, como todas as correntes de pensamento da história da humanidade, tem suas raízes sociais, econômicas, políticas e culturais;

2) a base material (histórico-social) para o surgimento e desenvolvimento do marxismo é a emergência da sociedade capitalista e das suas contradições de classes, que se expressam na consciência social, por meio das concepções teórico-políticas;

3) as fontes do marxismo são múltiplas e diversificadas, mas o marxismo é uma síntese do que há de mais avançado nessas fontes.

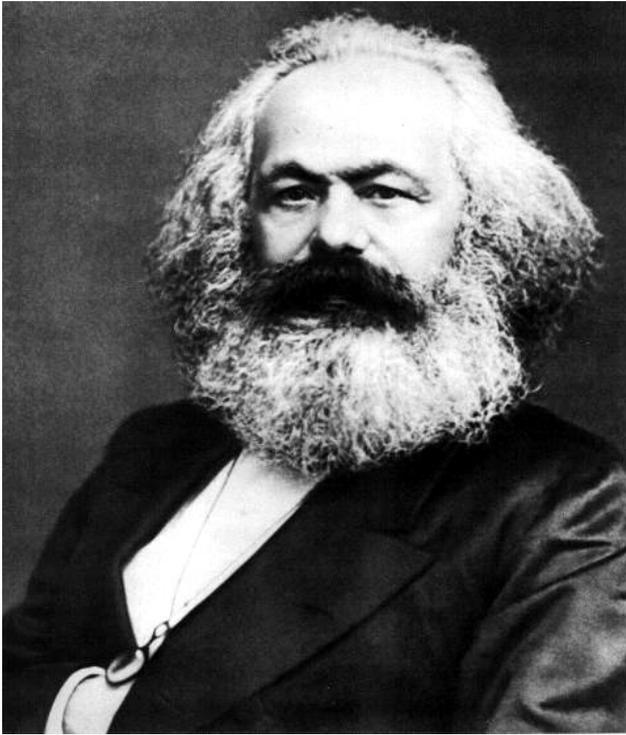
Seu objetivo é realizar uma síntese das múltiplas e variadas fontes do marxismo e das condições históricas do seu aparecimento. Muito genericamente, teceremos observações sobre como Marx e Engels se apropriaram desses conhecimentos historicamente elaborados pela humanidade e das experiências do movimento operário e socialista, realizando uma síntese numa nova concepção de história e de sociedade”.

Na presente publicação em forma de livro eletrônico, preservamos o texto tal qual foi originalmente elaborado. Esperamos que o presente texto contribua para o estudo da origem e fontes do marxismo e, como tal, para estimular a militância nos movimentos sociais e organizações políticas da classe trabalhadora.

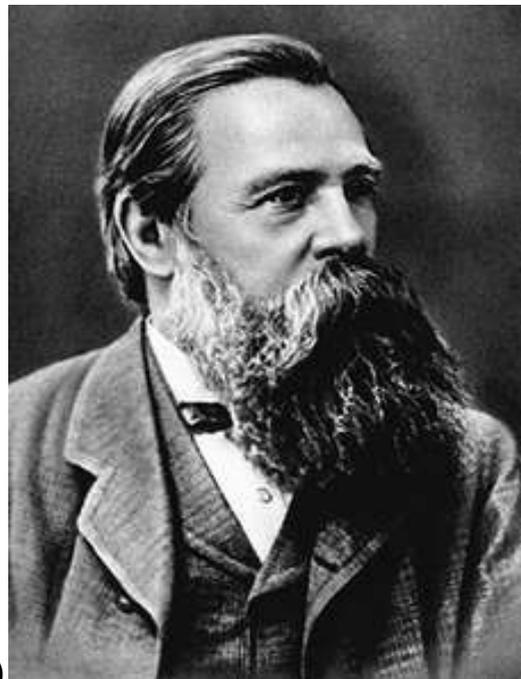
Salvador, novembro de 2019.

Comissão Editorial do LEMARX

Os fundadores do marxismo (socialismo científico)



Karl Marx (1818-1883)



Friedrich Engels (1820-1895)

2. Origem e fontes do marxismo

2.1. Uma primeira observação

O marxismo (socialismo científico) foi fundado por dois pensadores revolucionários alemães: Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), em meados do século XIX.

No momento do aparecimento das primeiras teses desta nova concepção de sociedade e de história, a burguesia – classe dominante no capitalismo e detentora dos meios de produção – havia realizado as suas revoluções (Revolução Inglesa e Francesa) e conquistado o poder político, em particular, nos países da Europa, organizando o seu próprio Estado (burguês), desenvolvendo as forças produtivas da sociedade e a economia capitalista.

O processo de industrialização revolucionou as relações de trabalho nas fábricas modernas, com a introdução dos sistemas de máquinas na produção social e a concentração de grandes quantidades de trabalhadores nos locais de trabalho. Logo se percebe que o desenvolvimento do capitalismo trazia consigo enormes contradições sociais, econômicas e políticas, que desembocariam em conflitos cada vez mais profundos entre as classes sociais.

As péssimas condições de trabalho, os baixos salários, a profunda exploração dos trabalhadores, de mulheres, jovens e crianças, além de todo o processo de opressão social levam as massas trabalhadoras a procurar meios de se organizar para lutar por melhores condições de vida e de trabalho e defender a sua força de trabalho assalariada - salários, condições de trabalho, redução da jornada - frente aos capitalistas, por intermédio de associações e sindicatos. Além disso, o profundo inconformismo dos trabalhadores geram nas primeiras décadas do século XIX movimentos como o *ludismo* e *cartismo*, sendo este último muito mais organizado e consciente das reivindicações econômicas, sociais e políticas do proletariado.

Ao mesmo tempo, o movimento socialista, na primeira metade do século XIX, ora se expressava em suas vertentes utópicas, desvinculadas das massas operárias exploradas e oprimidas, ora carregava ainda as influências das tendências ligadas à tradição do período mais radical da Revolução Francesa.

Uma tarefa axial se colocava diante dessa realidade: a necessidade cada vez mais premente da fusão entre o movimento socialista e o movimento do proletariado, sob a perspectiva de um programa revolucionário de transformação da sociedade capitalista em socialista.

É nesse contexto que nasce o marxismo e a concepção materialista da história, como explica Mandel:

O marxismo é, em última análise, produto do surgimento do modo de produção capitalista a partir dos séculos XV e XVI em algumas regiões da Europa ocidental (Itália setentrional e central, Países Baixos, Inglaterra, partes da França, da Alemanha, da Boêmia e da Catalunha), base sobre a qual emerge uma sociedade burguesa que domina progressivamente a vida social em todas as esferas da atividade humana.¹

Marx e Engels, rompendo com a filosofia idealista jovem-hegeliana e o radicalismo democrático pequeno-burguês, por meio de sua crítica materialista, vinculam-se definitivamente ao movimento comunista, através da aproximação às organizações do movimento do proletariado, transformando-se em verdadeiros militantes revolucionários.

Os embriões do materialismo histórico remontam a 1843-1844, particularmente a textos de Marx como *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel* (1843), *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, *A questão judaica*, *Manuscritos Econômico-filosóficos* e *Glosas Críticas Marginais ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social", de um prussiano*, de 1844, além do *Esboço de Crítica da Economia Política*, de Engels, publicado no mesmo ano.²

Mas, em obras como *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), *A sagrada família* (1845), *Teses sobre Feuerbach* (1845-1846), essa concepção ganha suas primeiras formulações e contornos, chegando à sua síntese mais profunda e sistemática em *A ideologia alemã* (1846) e *Miséria da*

¹ MANDEL, Ernest. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001, p. 9.

² Cf. as seguintes obras: MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005; *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. In: MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005; *A questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010; *Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2006 e *Glosas Críticas Marginais ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social", de um prussiano*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Filosofia (1847) e, como programa político do proletariado, em *O Manifesto Comunista* (1848).³

Marx advertiu no *Prefácio à Crítica da Economia Política*:

O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o ser social que determina sua consciência.⁴

Essa passagem sintetiza toda uma concepção de história e sociedade – portanto, também dos indivíduos e das classes sociais –, que passou a ser conhecida na teoria social como *concepção materialista da história*.

O fundador do marxismo, ao lado de Engels, quer com essa tese afirmar que para compreendermos as ideias, as teorias, o conhecimento e as formas de consciência social (arte, religião, ciência, filosofia etc.) de uma época historicamente determinada é preciso analisar com profundidade e rigor as condições materiais de existência, a saber, como os indivíduos se organizam, por meio de relações sociais, para produzir a sua vida e como estruturam as relações de trabalho e o processo de produção social.

Marx expressou de forma mais acabada essa ideia fundamental, que orienta as pesquisas e elaborações teórico-políticas marxistas até hoje, num trecho célebre da obra acima citada, da seguinte maneira:

na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, política e espiritual.⁵

³ ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2007; MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2002; *O manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998; *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998; *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003; MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2002; *Miséria da Filosofia: resposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon*. São Paulo: Centauro, 2003.

⁴ Cf. MARX, Karl. *Prefácio à Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 25.

⁵ Idem, p. 25.

Ao contrário do que dizem os adversários ideológicos, políticos e teóricos do marxismo, nessa formulação clássica da concepção materialista da história não há qualquer resquício de unilateralismo, mecanicismo ou de economicismo. Em nenhum momento, Marx afirma que as ideais, teorias, formas de consciência social e as instituições político-jurídicas são unilateralmente determinadas ou condicionadas pela base material da sociedade, isto é, pela produção e reprodução da vida social.⁶

Marx e Engels sempre deixaram evidente que entre a base material (econômico-social) das sociedades, a superestrutura jurídico-política e as formas de consciência social há uma determinação reflexiva, dialética, recíproca. É verdade que o marxismo reconhece a importância central do processo de organização do trabalho humano e das relações de produção como o fundamento da organização da vida social.

Entretanto, o marxismo deixa claro que a relação entre essa base material e as formas de consciência sociais/instituições políticas é dialética e, portanto, reciprocamente determinadas. Apenas em última instância, e por mediações, impõe-se a produção e a reprodução da vida social, como condicionante da superestrutura jurídico-política e das formas de consciência social.

As ideias, para os marxistas, são extraídas da própria realidade e, nessa medida, constituem uma ferramenta indispensável à análise e compreensão do mundo que nos rodeia. Podem, por isso, transformarem-se em força material e jogar um papel axial na história e nas batalhas sociopolíticas:

É certo que a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas, que o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria converte-se em força material quando penetra nas massas.⁷

⁶ Aliás, tornou-se senso comum entre intelectuais e políticos da burguesia, para tentar desmoralizar o marxismo, acusá-lo de determinismo mecânico ou de economicismo, em suas abordagens simplistas sobre a obra de Marx e Engels. Não é de se estranhar, tendo em vista que o objetivo central dessas críticas é gerar desconfiança no seio do movimento socialista e da classe trabalhadora sobre a teoria revolucionária que expressa os seus interesses históricos fundamentais e, portanto, dificultar o processo de formação teórico-política e de organização dos trabalhadores, da juventude e da intelectualidade engajada. Felizmente, sabemos que essas acusações são velhas e remontam à época de Marx e Engels e já foram suficientemente respondidas.

⁷ Cf. MARX, Karl. Introdução à Crítica da filosofia do direito de Hegel. In: *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 151.

Os fundadores do socialismo científico reconheceram o papel ativo dos indivíduos e das classes sociais na intervenção no processo histórico, político, social e cultural. Para eles,

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram.⁸

Desenvolvendo essa tese central do materialismo histórico e refutando os ataques de certos intelectuais burgueses contra esta concepção, Engels afirmou numa *Carta a Joseph Bloch*, datada de 21 de setembro de 1890:

Segundo a concepção materialista da história, o elemento determinante da história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx, nem eu dissemos outra coisa a não ser isto. Portanto, se alguém distorce esta afirmação para dizer que o elemento econômico é o único determinante, transforma-a em uma frase sem sentido, abstrata e absurda. A situação econômica é a base, mas os diversos elementos da superestrutura – as formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, as constituições estabelecidas uma vez ganha a batalha pela classe vitoriosa; as formas jurídicas e mesmo os reflexos de todas essas lutas reais no cérebro dos participantes, as teorias políticas, jurídicas, filosóficas, as concepções religiosas e seu desenvolvimento ulterior em sistemas dogmáticos – exercem igualmente sua ação sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam de maneira preponderante sua forma. Há ação e reação de todos esses fatores, no seio das quais o movimento econômico acaba por se impor como uma necessidade através da infinita multidão de acidentes (ou seja, de coisas e acontecimentos cujo vínculo interno é tão tênue ou tão difícil de demonstrar que podemos considerá-lo como inexistente e negligenciá-lo). Se assim não fosse, a aplicação da teoria a qualquer período histórico determinado seria, creio, mais fácil do que a resolução de uma simples equação de primeiro grau.⁹

Foi com base nessas teses que os marxistas, desde Marx e Engels até os revolucionários e teóricos do século XX, analisaram o processo de evolução do pensamento humano, em várias épocas da história da humanidade, em particular no âmbito da sociedade burguesa.

⁸ MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 25.

⁹ Cf. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cartas Filosóficas e Outros Escritos*. São Paulo: Grijalbo, 1977, p. 34.

Procuraram, portanto, compreender as condições materiais de produção e reprodução das sociedades, em suas especificidades, para tentar desvendar nuances das teorias, dos conhecimentos, das ideias e das formas de consciência de cada época historicamente determinada. Para Marx e Engels, a concepção materialista e dialética da história era “acima de tudo, um guia para o estudo e não uma alavanca para levantar construções à maneira dos hegelianos”.¹⁰

Essa primeira aproximação aos fundamentos da concepção marxista nos ajuda a explicar o objetivo do presente texto.¹¹ Ele trata do tema da origem e fontes do marxismo.¹² Como tal, trata-se de uma boa oportunidade de mostrar que o marxismo, como todas as correntes do pensamento humano, também tem sua origem e fontes determinadas historicamente. Ou seja, a tese fundamental do materialismo histórico-dialético sobre as condições materiais como base do aparecimento e desenvolvimento do pensamento aplica-se plenamente ao marxismo.

Não têm sentido, portanto, as críticas vulgares que certos autores fazem ao marxismo, no sentido de que o pensamento de Marx e Engels se considera acima da própria história e das determinações sociais. Quem verbaliza esse tipo de crítica nada mais faz do que expressar a sua própria ignorância e desconhecimento do marxismo.

¹⁰ Idem, p. 32. Ou seja, construções *a priori*, abstratas, idealistas.

¹¹ Ficaremos, por enquanto, nesse nível de síntese da *concepção materialista da história*.

¹² Sobre esse tema há, aliás, um conjunto de autores e obras produzidas tanto pelos fundadores do marxismo, quanto por outros revolucionários marxistas e intelectuais, que podem ser consultados pelo leitor interessado em aprofundar os conhecimentos sobre a teoria marxista. Entre esses autores, podemos citar: LENIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. São Paulo: Global, 1979; RIAZANOV, David. *Marx e Engels e a história do movimento operário*. São Paulo: Global, 1984; MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013; LAPINE, Nicolai. *O jovem Marx*. Lisboa: Caminho, 1983; NAVES, Márcio B. *Marx: ciência e revolução*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora Unicamp, 2000; BOTTIGELLI, Émile. *A gênese do socialismo científico*. São Paulo: Mandacaru, 1974; LUKÁCS, Georg. *O Jovem Marx e Outros Textos Filosóficos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007; MACLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990; COGGIOLA, Osvaldo. *Engels: o segundo violino*. São Paulo: Xamã, 1995; GABRIEL, Mary. *Amor e Capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013; LEVEBVRE, H. *Para compreender o pensamento de Karl Marx*. Lisboa: Edições 70, 1981; CORNU, Auguste. *Carlos Marx; Federico Engels: del idealismo al materialismo histórico*. Buenos Aires: Editoriales Platina, 1965; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. FREDERICO, Celso. *O Jovem Marx: as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Cortez, 1995; LÖWY, Michael. *A Teoria da Revolução no Jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012; HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra*. São Paulo: Boitempo, 2018; SIQUEIRA, Sandra M. M. e PEREIRA, Francisco Pereira. *Marx Atual*. Salvador-BA: Arcádia, 2013; *Marx e Engels: Uma introdução*. Salvador-BA: LeMarx, 2017.

Ao contrário, os marxistas sempre deixaram patente o caráter social da sua vertente de pensamento e destacaram com clareza as suas raízes sociais, ideológicas, políticas, econômicas e culturais. Deixaram também muito evidente o vínculo estreito da teoria marxista com os interesses históricos de classe dos trabalhadores e oprimidos. Como afirma Löwy,

De fato, Marx não somente reconheceu, mas até insistiu abertamente nos elos entre sua doutrina política e os interesses históricos de uma classe social. Se (...) o marxismo almeja uma validade universal, é porque o proletariado é a única classe cujos interesses históricos exigem o desvelamento da estrutura essencial da sociedade.¹³

O próprio Marx, referindo-se à crítica da Economia Política, advertiu no *Prefácio da segunda edição de O Capital*:

Na medida em que tal crítica representa uma classe específica, ela só pode representar a classe cuja missão histórica é o revolucionamento do modo de produção capitalista e a abolição final das classes: o proletariado.¹⁴

Não só o próprio Marx, mas particularmente Engels, V. I. Lênin, Leon Trotski, Rosa Luxemburgo e tantos outros procuraram aprofundar as análises sobre a origem e as fontes do marxismo, aplicando a dialética materialista ao seu próprio pensamento. Esses revolucionários assimilaram, sobretudo, o método dialético e a concepção materialista da história de Marx e Engels, sob a base da experiência da luta de classes nacional e internacional e, por isso, conseguiram impulsionar a teoria marxista no século XX.

Não tem, pois, sentido afirmar – e isso vale tanto para os marxistas, quanto para os seus adversários -, que o socialismo científico reivindica a neutralidade científica ou que não aplica a si próprio os pressupostos teórico-metodológicos que aplica às outras correntes teóricas. Todo e qualquer estudo sério do marxismo e do movimento socialista deve começar expondo as suas raízes, os seus condicionamentos materiais, as suas bases materiais (histórico-sociais).

¹³ LÖWY, Michael. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 30.

¹⁴ MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 87.

2.2. Marx, Engels e o rigor científico-filosófico

Marx disse no *Prefácio da primeira edição de O Capital* que “Todo começo é difícil, e isso vale para toda ciência”.¹⁵ No *Prefácio da edição francesa* afirma: “Não existe uma estrada real para a ciência, e somente aqueles que não temem a fadiga de galgar suas trilhas escarpadas têm chance de atingir seus cumes luminosos”.¹⁶ Isso ocorre porque diferentemente das ciências naturais, nas ciências sociais, como é a análise da sociedade capitalista, “não podemos nos servir de microscópio nem de reagentes químicos. A força da abstração [*Abstraktionkraft*] deve substituir-se a ambos.”¹⁷

Quando Marx, no *Pós-fácio da segunda edição de O Capital*, faz a diferença entre modo de exposição e modo de investigação, adverte:

A investigação tem de se apropriar da matéria [*Stoff*] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real.¹⁸

De fato, é assim que as coisas se passam com relação aos fundadores do marxismo. Durante várias décadas de estudos, elaborações e publicações, Marx e Engels consultaram e analisaram de forma minuciosa centenas de documentos oficiais, relatórios, jornais, revistas, livros etc. existentes em bibliotecas e acervos pessoais. Um trabalho cansativo, mas de extrema competência, que demonstra, sobretudo, o compromisso dos fundadores do marxismo com o desenvolvimento científico e sua profunda honestidade intelectual.¹⁹

¹⁵ MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 77.

¹⁶ Idem, p. 93.

¹⁷ Idem, p. 78.

¹⁸ Idem, p. 90.

¹⁹ Sobre como Marx e Engels trataram as suas fontes e as contribuições de diversos autores que consultaram ao longo de suas vidas, verificar as seguintes obras e autores: ENGELS, Friedrich. *Prefácio da quarta edição alemã*. In: MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017, pp. 105-110; RIAZANOV, David. *Marx-Engels e a história do movimento operário*. São Paulo: Global editora, 1984; MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013; BOTTIGELLI, Émile. *A gênese do socialismo científico*. São Paulo: Mandacaru, 1974; MACLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990; LAPINE, Nicolai. *O jovem Marx*. Lisboa: Caminho, 1983; CORNU, Auguste. *Carlos Marx; Federico Engels: del idealismo al materialismo histórico*. Buenos Aires: Editoriales Platina, 1965.

As milhares de páginas, que compõem a sua obra individual e coletiva (manuscritos, esboços, cartas, livros, artigos, ensaios etc.), por mais abstratos que pareçam ser os temas tratados, na verdade são lastreadas por um estudo rigoroso da realidade e, frequentemente, fundadas em dados e informações, além da observação empírica do mundo em movimento.

Lafargue, em suas recordações sobre Marx, afirmou:

Marx trabalhava sempre com rigoroso cuidado, não citando jamais um dado ou número sem estar apoiado nas melhores autoridades. Nunca se contentou com informações de segunda mão, esforçando-se por ir à própria fonte, qualquer que fosse o esforço que tal tarefa exigisse. Era capaz de encaminhar-se ao Museu Britânico para comprovar em livros se tal dado era exato, até mesmo o mais insignificante. Seus críticos não puderam jamais apontar-lhe a menor inexatidão, nem provar-lhe que sua demonstração se alicerçava em dados que não resistiam ao mais enérgico exame. O hábito de retornar até às fontes originais fez com que Marx lesse os autores mais desconhecidos e que não são citados senão por ele. *O Capital* contém tal quantidade de citações de escritores desconhecidos, que se tem a tentação de crer que o autor queria ostentar a extensão de seus conhecimentos. Todavia, não é exatamente assim. “Exerço a justiça histórica – dizia – e dou a cada um o que lhe pertence.” Acreditava ser um dever, de fato, registrar o nome do autor, por desconhecido e insignificante que fosse, desde que a ideia citada fosse original e ainda não divulgada ou que estivesse expressa de uma maneira mais exata e precisa.

Sua honradez literária foi tão severa quanto sua honradez científica. Não somente jamais se apoiou num dado que não achasse seguro, mas também não se permitia tratar de um tema que não tivesse estudado a fundo. Nunca publicou nada sem tê-lo antes elaborado cuidadosamente, refeito várias vezes até encontrar a forma mais adequada. Não podia suportar a ideia de divulgar incompletamente suas exposições e para ele era um suplício ter de mostrar seus manuscritos antes de lhes ter aplicado os últimos retoques. Tão forte era este sentimento, que um dia disse que preferia queimar os manuscritos a deixá-los incompletos.²⁰

Marx e Engels jamais escreveram ou disseram algo sobre alguém ou alguma coisa, sem que tivessem firmeza em relação às informações e às fontes. Não à toa, observa-se uma preocupação permanente dos fundadores do marxismo em escrever e reescrever inúmeras vezes os textos para publicá-los apenas quando estivessem concluídos e muito bem escritos. É conhecido o

²⁰ LAFARGUE, Paul. Karl Marx: recordações pessoais. In: RIAZANOV, David (org.). *Marx: o homem, o pensador, o revolucionário*. São Paulo: Global editora, 1984, pp. 90-91.

método de Marx, de transcrever passagens dos livros, as vezes longas, e depois comentá-las. Não abandonou esse método até o final da vida.

Um autor contemporâneo, que escreveu uma obra intitulada *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos [1881-1883]*, disse a esse respeito: “Seu método era o mesmo de sempre, adotado desde o tempo de seus primeiros estudos universitários: incrivelmente rigoroso e inflexivelmente crítico”. Destaca também:

Por fim, sua mente enciclopédica, guiada por uma curiosidade intelectual inesgotável, o instigava a atualizar constantemente seus conhecimentos e a manter-se bem informado sobre os últimos desenvolvimentos científicos. Foi por essa razão que, nos derradeiros anos de sua vida, Marx redigiu dezenas de cadernos de apontamentos e sínteses de uma quantidade enorme de volumes de matemática, fisiologia, geologia, mineralogia, agronomia, química e física, além de artigos de jornais e revistas, documentos parlamentares, estatísticas e relatórios e publicações de órgãos estatais, como no caso dos já mencionados *livros azuis*.²¹

Os nossos autores também souberam dar a cada pensador ou corrente de pensamento a importância e o papel no desenvolvimento do socialismo científico. As influências, por exemplo, da filosofia alemã, da Economia Política clássica e do socialismo francês estão fartamente documentadas ao longo das suas obras. Basta lei *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, de Engels, e *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*, de Lênin, para perceber imediatamente essas influências.

Da mesma forma se aplica ao papel da historiografia sobre a Revolução Francesa e industrial e da evolução das ciências naturais e sociais da sua época. Estas e outras fontes serão apresentadas ao longo da análise do tema.

²¹ MUSTO, Marcello. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos [1881-1883]*. São Paulo: Boitempo, 2018, pp. 20-26. Os livros azuis eram relatórios parlamentares sobre questões sociais, que Marx consultou abundantemente, em particular, quando escrevia *O Capital* (1867).

Pensadores materialistas do século XVIII



Barão de Holbach (1723-1789)



Helvétius (1715-1771)

Filosofia Clássica Alemã e sua crítica



G. W. F. Hegel (1770-1831)



Ludwig Feuerbach (1804-1872)

2.3. Materialismo, dialética e o marxismo

Marx e Engels foram pensadores materialistas, isto é, adeptos do materialismo filosófico ou filosofia materialista. Na perspectiva do senso comum, uma pessoa materialista é aquela que dá valor exclusivamente a interesses materiais, entendidos como apego ao dinheiro e à riqueza, e que desvaloriza as questões espirituais. Esse sentido ordinário, comum, de compreensão do termo materialista foi, inclusive, muito divulgado por adeptos do idealismo filosófico e intelectuais vinculados às igrejas para combater as correntes filosóficas materialistas.

Ser materialista, no sentido filosófico do termo, significa fundamentar o conhecimento, as ideias, o desenvolvimento da consciência, a produção de teorias e as formas de consciência social em suas condições de existência material, ou seja, no desenvolvimento da natureza e da vida social, econômica e política. Significa também que a realidade da natureza, da história e da sociedade pode ser estudada e compreendida por condições imanentes a elas próprias, sem o apego a qualquer elemento exterior, seja uma pretensa natureza humana abstrata e a-histórica ou uma força divina.

Como observa Novack, em *As origens do materialismo*:

Um materialista consistente não pode basear-se em princípios presumivelmente convalidados por apelações à razão abstrata, à intuição, à evidência em si mesma ou a qualquer outra causa subjetiva ou puramente teórica. O idealismo pode fazê-lo. Mas a filosofia materialista tem que se basear em evidência tirada de causas materiais objetivas e verificada pela demonstração prática. Os fundamentos reais do materialismo e as causas que o originaram só podem ser encontradas nas condições materiais da vida humana que são produto da sequência dos distintos períodos sociais, que determinaram as formas variáveis e os mutantes conteúdos do pensamento.

A base material, a origem histórica, a matéria prima da concepção materialista tem sua raiz em primeira instância na atividade e nos resultados da atividade coletiva dos seres humanos. Esta inclui tanto suas ações do passado, tal como as registra a história, como as do presente; tudo o que os homens realizaram desde que a humanidade se diferenciou do resto dos antropoides e o que realizam todos os dias, aqui e agora.²²

²² NOVACK, George. *As origens do materialismo*. São Paulo: Sundermann, 2015, p. 41.

Essa forma de pensar a natureza e a vida social se desenvolveu desde as primeiras sociedades humanas, no sentido prático da experiência cotidiana da vida dos indivíduos das primeiras comunidades humanas, quando tinham de enfrentar as condições mais duras para ganhar a sobrevivência diária por meio do intercâmbio com a natureza, isto é, o trabalho, seja no sentido mais teórico, filosófico-científico, quando, a uma certa etapa do desenvolvimento histórico da Antiguidade, as explicações dos fenômenos da natureza e da vida social foram começando a se desgarrar das ideias teológicas e dos mitos, para se expressar por meio da filosofia, no caso do materialismo filosófico.

Podem-se citar como exemplos de pensadores materialistas na Antiguidade: Tales de Mileto, Demócrito, Epicuro, Leucipo e Lucrécio. Para se ter uma ideia, as primeiras abordagens e reflexões sobre a questão da constituição da matéria, em movimento – os átomos -, foram realizadas pelos materialistas da Antiguidade. Procuravam, evidentemente, compreender a realidade circundante por ela mesma (natureza e sociedade), ou seja, por elementos da sua constituição interna, imanentes, sem o recurso a elementos externos: ideias, força sobrenatural etc. Ao fazerem isso, impulsionam o conhecimento humano, no sentido científico e filosófico, para frente.

É preciso dizer que Marx estudou minuciosamente esses pensadores materialistas da Antiguidade greco-romana. Basta citar, por exemplo, a tese de doutorado de Marx, apresentada à Universidade de Jena, na Alemanha, em 1841, na qual o fundador do marxismo, ainda um jovem discípulo de Hegel e membro do movimento jovem-hegeliano de esquerda, procura refletir sobre as contribuições de Demócrito e Epicuro para o pensamento filosófico em geral, quando certos grupos de filósofos praticamente os ignoravam ou os ofuscavam para poder realçar os autores da filosofia idealista. Marx destaca, sobretudo, a importância de Epicuro que, ao reconhecer o desvio dos átomos em relação a sua trajetória, colocou na ordem do dia a reflexão sobre a vida social o problema da liberdade.²³

O materialismo filosófico avançou no campo da filosofia e da ciência em contraposição sistemática ao chamado idealismo filosófico ou filosofia idealista. Na Idade Média dominou o idealismo filosófico, na forma da filosofia

²³ Cf. MARX, Karl. *Diferenças entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. Porto: Editorial Presença, 1972.

escolástica de Agostinho e Tomás de Aquino. Por intermédio de Copérnico, Newton, Kepler, Giordano Bruno, entre outros, os estudos científicos foram abrindo fronteiras, em meio ao domínio da Igreja e do pensamento escolástico na Europa.

No século XVII e XVIII, destacaram-se numerosos pensadores materialistas, como Francis Bacon (1561-1626), John Locke (1632-1704), Helvétius (1715-1771), Barão de Holbach (1723-1789), autor de *Sistema da Natureza*, entre outros. Era a época da razão ilustrada, do Iluminismo, dos enciclopedistas, em que os filósofos materialistas mais consequentes empunhavam a razão contra os dogmas da nobreza e do clero e defendiam as novas concepções de natureza, história e sociedade, levantadas pela burguesia em ascensão contra a velha sociedade feudal em decadência.

No século XIX, a filosofia materialista ganhou novo impulso com o avanço científico – a Teoria da Evolução de Charles Darwin (1809-1882), as pesquisas sobre a célula, as investigações sobre magnetismo e eletricidade, entre outras.²⁴ Por outro lado, também se observou a penetração no campo das ciências e do pensamento filosóficos correntes como o positivismo, a partir das elucubrações de Augusto Comte (1798-1857) e o empirismo, em particular de John Stuart Mill (1806-1873), contra o materialismo autêntico e consistente.

Não estamos fazendo nenhum julgamento ético ou moral a respeito da idoneidade e da importância das elucubrações filosóficas dos pensadores idealistas. Muitos deles estão na origem de várias correntes filosóficas importantes nas sociedades antigas e jogaram um papel central no desenvolvimento das ideias sobre as sociedades da época. Pense-se, por exemplo, em autores como Platão, na Grécia antiga, ou Agostinho e Tomás de Aquino, na Idade Média feudal.

Não se trata de menosprezar – os marxistas nunca fizeram isso – mas compreender o sentido da produção filosófica idealista e por quais razões e em

²⁴ Engels analisa esses avanços no campo científico, do século XVI ao século XIX, de um ponto de vista materialista em sua *Dialética da Natureza*. Sobre as demais correntes de pensamento filosófico e científico do século XIX, ver: ENGELS, Friedrich. *Dialética da Natureza*. Lisboa: editorial Presença, 1974. Outras análises de Engels sobre as descobertas científicas, até o século XIX, podem ser encontradas em: ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975; Sobre o papel do trabalho do trabalho na transformação do macaco em homem. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975; *Anti-Dühring*. São Paulo: Boitempo, 2015. Cf. também: HOBBSAWM, Eric. *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

que condições históricas foram predominantes. O fundamental é que as correntes filosóficas idealistas procuram explicar e compreender os fenômenos da natureza, da história e da vida social, a partir do recurso a elementos externos à própria realidade, sejam princípios eternos, moral superior, ideia, espírito absoluto, força divina, imperativos transcendentais, entre outros conceitos.

No emaranhado de suas teorias forneceram ao conhecimento indicações sobre a forma como as pessoas agiam e pensavam em suas épocas. Neste aspecto específico, continuam sendo uma fonte fundamental para o conhecimento humano e das variadas etapas do desenvolvimento da humanidade. Mas, no geral, falharam na tentativa de compreender cientificamente o mundo, a natureza, os processos históricos reais e a vida social.

Como observa acertadamente Novack:

Ainda que as premissas e conclusões básicas do idealismo sejam totalmente anticientíficas, isso não impediu que filósofos idealistas clássicos, desde Sócrates até Hegel, tenham aportado significativas contribuições a um ou outro ramo da ciência.

Mas a relação entre ciência e materialismo tem sido mais consistente e orgânica. O materialismo nasceu junto com os primeiros êxitos do método científico e desde então ambos permanecem estreitamente ligados. Influenciam-se mutuamente. O desenvolvimento das ciências impulsionou o progresso do materialismo enquanto que os métodos e ideias deste ajudaram o avanço das ciências.²⁵

Marx e Engels foram adeptos, na juventude - final da década de 1830 e início de 1840 - das concepções filosóficas de George W. F. Hegel (1770-1831), o maior filósofo burguês da época moderna, autor de obras como *Ciência da Lógica* e *Fenomenologia do Espírito*.²⁶ Portanto, discípulos da filosofia idealista hegeliana. Fizeram parte do movimento dos jovens hegelianos de esquerda. Marx, inclusive, antes mesmo de se tornar hegeliano, sofreu também uma forte, mas passageira, influência do pensamento de Immanuel Kant.²⁷

²⁵ NOVACK, George. *As origens do materialismo*. São Paulo: Sundermann, 2015, pp. 119-120.

²⁶ Cf. HEGEL, G. w. F. *Ciência da Lógica*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016; *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

²⁷ Entre os jovens hegelianos de esquerda, além de Marx e Engels, destacaram-se: Bruno Bauer, Karl Köppen, Adolf Rutenberg, Edgar Bauer, Ludwig Buhl, Karl Nauwerk e Max Stirner.

Não se pode negar – como fizeram, por exemplo, os filósofos oficiais do regime estalinista, na antiga URSS -, que, entre os pensadores idealistas da história, Hegel foi, sem dúvida, um dos mais importantes para o desenvolvimento das ideias humanas, particularmente na Filosofia, e como tal, influenciou firmemente o desenvolvimento das ideias de Marx e Engels, em particular quanto à dialética. Foi Hegel, por exemplo, quem resgatou a dialética, como método de pensar o mundo e como parte do movimento contraditório da própria história humana.

Marx e Engels destacaram inúmeras vezes o papel e a importância de Hegel para a história do pensamento e da sua própria teoria. Em *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, Engels expõe o significado da filosofia hegeliana para a sua época:

Entretanto, junto à filosofia francesa do século XVIII, e por trás dela, surgira a moderna filosofia alemã, cujo ponto culminante foi Hegel. O principal mérito dessa filosofia é a restauração da dialética, como forma suprema do pensamento. (...) A filosofia alemã moderna encontrou sua culminância no sistema de Hegel, em que pela primeira vez – e aí está seu grande mérito – se concebe todo o mundo da natureza, da história e do espírito como um processo, isto é, em constante movimento, mudança, transformação e desenvolvimento, tentando além disso ressaltar a íntima conexão que preside esse processo de movimento e desenvolvimento. Contemplada desse ponto de vista, a história da humanidade já não aparecia como um caos inóspito de violência absurda, todas igualmente condenáveis diante do foro da razão filosófica hoje já madura, e boas para serem esquecidas quanto antes, mas como o processo de desenvolvimento da própria humanidade, que cabia agora ao pensamento acompanhar em suas etapas graduais e através de todos os desvios, e demonstrar a existência de leis internas que orientam tudo aquilo que à primeira vista poderia parecer obra do acaso cego.²⁸

Por um processo de elaboração de suas teorias sobre a produção do conhecimento, a história humana e a sua relação com a realidade social, Hegel, tentou dar vida própria ao espírito, às ideias, ao pensamento, de forma a

Cf. MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013; BOTTIGELLI, Émile. *A gênese do socialismo científico*. São Paulo: Mandacaru, 1974; MACLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990; LAPINE, Nicolai. *O jovem Marx*. Lisboa: Caminho, 1983; CORNU, Auguste. *Carlos Marx; Federico Engels: del idealismo al materialismo histórico*. Buenos Aires: Editoriales Platina, 1965; LÖWY Michael. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012; DUMÉNIL, Gérard, LÖWY, Michael e RENAULT, Emmanuel. *Ler Marx*. São Paulo: Editora Unesp, 2011; FREDERICO, Celso. *O jovem Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

²⁸ ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975, pp. 37-41.

autonomizá-los. No esquema de Hegel, é a ideia, o espírito absoluto que fundamenta e está na origem de todo o desenvolvimento do mundo, portanto, da natureza e da sociedade. É como se a história fosse o palco do desenvolvimento do espírito, que se expressa, de formas diferentes, nas particularidades de cada época.

Mas as debilidades do sistema filosófico hegeliano quanto à sua concepção idealista se tornavam, cada vez mais, um entrave ao desenvolvimento do seu núcleo racional e revolucionário, isto é, a dialética. Mandel resume essas debilidades de Hegel:

a) A dialética é concebida como essencialmente idealista. O movimento do pensamento é concebido como fundamental em relação ao movimento da realidade material. Na verdade o real é frequentemente identificado com o ideal. A dialética da história é, em última análise, reduzida à dialética da “ideia absoluta”. A realização da liberdade concebida como finalidade da história – Hegel partilha essa concepção com o *Século das Luzes* -, ou seja, com o projeto de emancipação humana que está subtendido em todo o combate da burguesia revolucionária, é a realização da liberdade espiritual: “O escravo espiritualmente livre pode ser mais livre que o senhor”.

b) A filosofia da história que decorre dessa concepção idealista da dialética adquire, devido a esse fato, uma dimensão demasiadamente abstrata, quase metafísica. Não mais o homem e a mulher concretos, que vivem, trabalham, são explorados, sofrem ao mesmo tempo que pensam e têm sua “vida interior” e seus “estados de alma”, que são protagonistas da história, objetos de estudo e sujeitos do movimento de emancipação. São os “seres espirituais” que ocupam mais frequentemente seu lugar, ou seja, as ideias, as ideologias, incluindo as religiosas. (...)

c) Uma filosofia idealista da história, fundada sobre a concepção idealista da dialética, pode facilmente degenerar em *visão apologética* da realidade social, principalmente do Estado (o Estado prussiano) no qual o filósofo está inserido.

d) Uma dialética idealista, desligada da realidade material arrisca-se a ficar privada de qualquer critério epistemológico, de qualquer critério de verificação em última análise. Ao mesmo tempo, ela arrisca-se a se fechar em um raciocínio circular, ou mesmo no solipsismo. Ela arrisca-se a assumir um aspecto dogmático, apenas com a coerência interna do raciocínio servindo de justificativa ao sistema de pensamento, como prova final de seu grau de verdade, de sua veracidade.²⁹

²⁹ MANDEL, Ernest. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001, pp. 23-25.

Também Engels adverte que, apesar de ter o mérito de resgatar o método dialético de pensar e de tomar a história como um processo, Hegel tinha as suas debilidades e limitações, que o impedia de ir mais adiante:

E embora fosse Hegel, como Saint-Simon, a cabeça mais universal de seu tempo, seu horizonte achava-se circunscrito, em primeiro lugar, pela limitação inevitável de seus próprios conhecimentos e, em segundo lugar, pelos conhecimentos e concepções de sua época, limitados também em extensão e profundidade. Deve-se acrescentar a isso uma terceira circunstância. Hegel era idealista; isto é, para ele as ideias de sua cabeça não eram imagens mais ou menos abstratas dos objetos ou fenômenos da realidade, mas essas coisas e seu desenvolvimento se lhe afiguravam, ao contrário, como projeções realizadas da "Ideia", que já existia, não se sabe como, antes de existir o mundo. Assim, foi tudo posto de cabeça para baixo, e a concatenação real do universal apresentava-se completamente às avessas. E por mais exatas e mesmo geniais que fossem várias das conexões concretas concebidas por Hegel, era inevitável, pelos motivos que acabamos de apontar, que muitos dos seus detalhes tivessem um caráter amaneirado, artificial, construído; em uma palavra, falso. O sistema de Hegel foi um aborto gigantesco, mas o último de seu gênero. De fato, continuava sofrendo de uma contradição interna incurável; pois, enquanto de um lado partia como pressuposto inicial da concepção histórica, segundo a qual a história humana é um processo de desenvolvimento que não pode, por sua natureza, encontrar o arremate intelectual na descoberta disse que chamam verdade absoluta, de outro lado nos é apresentado exatamente como a soma e a síntese dessa verdade absoluta. Um sistema universal e definitivamente plasmado do conhecimento da natureza e da história é incompatível com as leis fundamentais do pensamento dialético – que não exclui, mas longe disso implica que o conhecimento sistemático do mundo exterior em sua totalidade possa progredir gigantescamente de geração em geração.³⁰

Embora tenha conseguido o fundamental, que foi resgatar a dialética, não teve êxito em provar a existência autônoma das ideias em relação aos seres humanos e às relações sociais. Por isso, um dos seus discípulos, Ludwig Feuerbach (1804-1872) – autor de *A essência do cristianismo* e *Princípios da filosofia do futuro* –, que rompeu mais adiante com o hegelianismo, encarava a doutrina de Hegel como uma concepção religiosa, como a tentativa de temporalização da teologia. Para Hegel, a ideia, a consciência, o espírito é que fundamenta e determina o ser, a realidade, a natureza e a sociedade.

³⁰ Idem, pp. 41-42.

Para Feuerbach, contrariamente a Hegel, é o ser que fundamenta e determina as ideias. Nas palavras do próprio Feuerbach:

Em Hegel, o pensamento é o ser; - o pensamento é o sujeito, o ser é o predicado. (...) A verdadeira relação entre pensamento e ser é apenas esta: o ser é o sujeito, o pensamento é o predicado.³¹

Essa relação entre as ideias (pensamento, consciência) e o ser (as condições materiais, histórico-sociais, a natureza) é a questão central de toda a filosofia, à qual, tanto a filosofia idealista quanto a materialista, ao longo dos séculos procurou dar repostas. Como destaca Engels em seu livro *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*:

A grande questão fundamental de toda a filosofia, em particular da filosofia moderna, é a da relação entre o pensamento e o ser. (...) Os que afirmavam o caráter primordial do espírito em relação à natureza e admitiam, portanto, em última instância, uma criação do mundo, de uma ou de outra forma (e para muitos filósofos, como para Hegel, por exemplo, a gênese é bastante mais complicada e inverossímil que na religião cristã), firmavam o campo do idealismo. Os outros que viam a natureza como o elemento primordial, pertencem às diferentes escolas do materialismo.³²

Mas o problema não se esgota nessa questão fundamental. É preciso também analisar a relação entre as ideias (teorias, pensamento) e a prática social, a articulação entre as ideias e ação dos indivíduos e classes sociais:

o problema da relação da relação entre o pensamento e o ser encerra ainda outro aspecto, a saber: que relação mantém nossos pensamentos sobre o mundo que nos rodeia com esse mesmo mundo? Podemos com nossas representações e conceitos sobre o mundo real, formar uma imagem exata da realidade?³³

A filosofia materialista responde que é possível sim conhecer a realidade (natureza, história, sociedade) e que todas as ideias, teorias e formas de consciência social têm um fundamental material.

³¹ Cf. FEUERBACH, Ludwig. Teses provisórias para a reforma da filosofia. In: *Princípios da filosofia do futuro*. Lisboa: Edições 70, p. 30-31. Sobre a crítica da religião realizada pelo mesmo autor, ver: FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

³² ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. São Paulo: Edições sociais, 1975, pp. 88-89.

³³ Idem, pp. 89-90.

É exatamente por intermédio de Ludwig Feuerbach que os dois jovens revolucionários alemães se tornaram defensores da filosofia materialista. Entre os anos de 1842 e 1844, Marx e Engels vão assimilando as lições do materialismo feuerbachiano, e avançando *pari e passo* na crítica dos jovens hegelianos e do próprio Hegel. Isso porque a experiência de Marx a frente da *Gazeta Renana* (1842-1843) e a aproximação de Engels ao movimento operário inglês (Cartismo) foram demonstrando cabalmente as insuficiências do arsenal teórico-filosófico hegeliano e a sua incapacidade de dar conta das questões materiais (econômico-sociais).

Nesse contexto, as obras materialistas de crítica ao hegelianismo, produzidas por Feuerbach representou um novo caminho a seguir e desenvolver. Engels falou a respeito de *A essência do cristianismo*, de Feuerbach, da seguinte forma:

Foi então que apareceu A Essência do Cristianismo, de Feuerbach. De repente, essa obra pulverizou a cocontradição criada ao restaurar o materialismo em seu trono. A natureza existe independentemente de toda filosofia, ela constitui a base sobre a qual os homens cresceram e se desenvolveram, como produtos da natureza que são; nada existe fora da natureza e dos homens; e os entes superiores, criados por nossa imaginação religiosa, nada mais são que outros tantos reflexos fantásticos da nossa própria essência. Quebrara-se o encantamento: o “sistema” salva em pedaços e era posto de lado – e a contradição ficava resolvida, pois existia apenas na imaginação. Só tendo vivido, em si mesmo, a força libertadora desse livro, é que se pode imaginá-la. O entusiasmo foi geral – e momentaneamente todos nós nos transformamos em “feuerbachianos”.³⁴

Os momentos mais expressivos desse processo de passagem ao materialismo e de crítica ao idealismo hegeliano podem ser encontrados nos livros *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (1843), *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel* (1844) e *A sagrada família* (1845). Sem dúvida, essa crítica aos jovens hegelianos e a Hegel preparou o caminho para a elaboração de *Teses sobre Feuerbach* (1845) e da primeira exposição geral da concepção materialista e dialética da história, *A ideologia alemã* (1845-1846).³⁵

³⁴ Idem, p. 87.

³⁵ Não tratamos aqui sobre as *Teses sobre Feuerbach* e *A ideologia alemã*, Marx e Engels. Por enquanto, limitemos-nos ao quadro da ruptura de Marx e Engels com os jovens hegelianos e a crítica ao idealismo de Hegel. As obras citadas podem ser encontradas em: MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005; *Introdução à crítica da*

Há que se fazer aqui uma ressalva. Marx e Engels, ao se tornarem materialistas não receberam acriticamente as concepções dos materialistas da Antiguidade, do século das luzes ou de Feuerbach. Na realidade, entre Marx e Engels e o materialismo filosófico do século XVIII e do XIX há uma distância considerável. É o próprio Engels que explica essa diferença em *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, quando especifica que umas das limitações mais evidente da filosofia materialista do século XVIII consistia:

na sua incapacidade de conceber o mundo como um processo, em como uma matéria sujeita a desenvolvimento histórico. Isto correspondia ao estado das ciências naturais naquela época e ao modo metafísico, isto é, antidialético de filosofar, que lhe correspondia. (...) Esta concepção anti-histórica imperava também no campo da história.³⁶

O fato do materialismo filosófico do século XVIII e da primeira metade do século XIX ser mecânico – não levar em conta o caráter dialético da natureza e da história da humanidade – e desprovido de uma concepção de história como processo deu à filosofia idealista uma relativa vantagem na corrida ideológica por influenciar o desenvolvimento filosófico, apresentando-se, ela própria, como uma corrente de pensamento dinâmica e ativa.

Para superar as limitações do materialismo filosófico anterior, os fundadores do marxismo fundiram a dialética e o materialismo numa nova síntese, que revolucionou não só o que se entendia antes como base material do pensamento, como o próprio movimento dessa base material das ideias. Ou seja, tanto a concepção de matéria quanto a de movimento é revolucionada

filosofia do direito de Hegel. In: MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005; MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003; MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2002; Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2002. Cf. também: MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013; BOTTIGELLI, Émile. *A gênese do socialismo científico*. São Paulo: Mandacaru, 1974; MACLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990; *As ideias de Engels*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977; LAPINE, Nicolai. *O jovem Marx*. Lisboa: Caminho, 1983; CORNU, Auguste. *Carlos Marx; Federico Engels: del idealismo al materialismo histórico*. Buenos Aires: Editoriales Platina, 1965; LÖWY Michael. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012; DUMÉNIL, Gérard, LÖWY, Michael e RENAULT, Emmanuel. *Ler Marx*. São Paulo: Editora Unesp, 2011; RENAULT, Emmanuel. *Vocabulário de Karl Marx*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010; FREDERICO, Celso. *O jovem Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2009; NAVES, Márcio Bilharinho Naves. *Marx: Ciência e Revolução*. São Paulo: Moderna; Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2000; GRESPAN, Jorge. *Marx*. São Paulo: Editora UNESP, 1999; FERNANDES, Florestan. *Marx, Engels, Lênin: a história em processo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

³⁶ ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. São Paulo: Edições sociais, 1975, p. 92-93.

pelas novas análises de Marx e Engels, na medida em que integram ao movimento da matéria a materialidade histórica, social, compreendendo o movimento como transformação dialética. O pensamento marxista é materialista, mas também dialético. A dialética materialista é expressão do movimento contraditório da própria realidade.

Para a dialética, não há nada de absoluto e eterno. Tudo que existe está em constante mudança e transformação. A natureza, a sociedade e o conhecimento se transformam mediante a ação de forças contraditórias internas, uma unidade de opostos. Podemos observar ainda na Antiguidade, o esforço dos primeiros filósofos no sentido de identificar as causas do movimento das coisas:

Heráclito formulou duas proposições que foram incorporadas como pilares da estrutura do pensamento dialético. Uma é sua concepção de que “tudo flui”. Deu exemplos pitorescos para ilustrar a universalidade da mudança. O sol é um sol novo todos os dias e também a cada momento. Não podemos nos banhar duas vezes no mesmo rio, pois suas águas fluem, mudam continuamente. Todos os objetos são e não são; nunca são os mesmos, pois estão sempre mudando para outra coisa. Com esse raciocínio Heráclito dissolvia todos os estados fixos de existência no processo de transformação perpétua de todo objeto que surge, permanece durante um tempo e depois desaparece.³⁷

Hegel recuperou o método dialético de pensar a natureza, a sociedade e o próprio conhecimento, a partir de seu sistema filosófico idealista e o desenvolveu em suas formas mais gerais. Desse conjunto de desenvolvimento do método dialético desde Heráclito, passando por Spinoza e Hegel, acumularam conquistas para o conjunto do pensamento da humanidade. Mandel sintetizou essas conquistas da seguinte maneira:

As conquistas do pensamento dialético são antes de tudo: A concepção de toda realidade como estado em contínua mudança, ou seja, não como uma *soma de fatos* mas como *combinação de processos*; A concepção de toda realidade como uma totalidade em movimento, na qual nenhuma parte pode ser compreendida isoladamente, fora de suas interconexões, de suas relações com as outras partes; A concepção do movimento como resultado de *contradições internas* dessa totalidade; A concepção do *conhecimento* como uma apreensão do real pelo pensamento (pela atividade

³⁷ NOVACK, George. *As origens do materialismo*. São Paulo: Sundermann, 2015, pp. 100-101.

humana), ou seja, *como uma interação entre o sujeito e o objeto*. O sujeito tende a transformar o real ao aprendê-lo, mas ele mesmo é transformado pela atividade de investigação, de apreensão e de transformação do real; A concepção do conhecimento como dedução, pela análise e ação, das *leis de desenvolvimento* inerentes aos processos apreendidos. A dialética do pensamento deve se conformar à dialética do real (ao movimento real) para poder compreendê-lo.³⁸

Marx e Engels, assimilando criticamente a base dialética do pensamento hegeliano, munidos das ferramentas alcançadas pelo materialismo filosófico e pelas ciências, avançam o pensamento filosófico e das ciências sociais a um novo patamar teórico-político. Novack expõe de maneira clara como os fundadores do marxismo realizaram a fusão entre o materialismo filosófico e a dialética. Marx e Engels

tiveram que reunir esses dois movimentos que existiram até então em absoluto antagonismo. Por um lado tinham que libertar a dialética do idealismo que a havia feito nascer e com a qual havia ficado identificada. Por outro, tinham que dissolver as conexões entre o materialismo e as formas mecanicistas e metafísicas às quais havia estado ligado até o momento. A dialética idealista delineava mais corretamente as formas dos processos de pensamento. O materialismo insistia corretamente na primazia do conteúdo material da realidade objetiva. O materialismo dialético combinou as verdades essenciais desses dois ramos do pensamento em um novo e mais elevado sistema filosófico. Assim, Marx e Engels criaram seu método filosófico ao transformar radicalmente os pensamentos de Hegel e Feuerbach. O hegelianismo, essa negação suprema do materialismo, encontrou sua própria negação no materialismo dialético. O frio materialismo de Feuerbach, que se opunha totalmente ao idealismo alemão, também encontrou sua negação no materialismo dialético. Este movimento de duas tendências opostas até sua dissolução e a seguir sua fusão em uma nova síntese genuinamente dialética. Desta forma, a evolução do materialismo dialético dá provas da veracidade de suas próprias ideias.³⁹

Para os fundadores do marxismo, os conceitos, “as categorias exprimem, portanto, formas de modos de ser, determinações de existência”.⁴⁰ Como uma concepção materialista e dialética, o método de Marx difere do de Hegel, cuja

³⁸ MANDEL, Ernest. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001, pp. 21-22.

³⁹ NOVACK, George. *Introdução à Lógica Marxista*. São Paulo: Sundermann, 2005, pp. 91-92.

⁴⁰ MARX, Karl. Introdução. In: MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 18.

base é idealista. Marx explicou essa diferença fundamental no *Posfácio da segunda de O Capital*:

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem.⁴¹

Assim, é a partir dessas fontes, em meio às condições históricas e sociais do avanço das ciências naturais e sociais em meados do século XIX, que Marx e Engels fundam o marxismo e elaboram a concepção materialista e dialética da história. Materialista, porque extrai e fundamenta os conceitos, as categorias, as teses e as análises na própria realidade, tanto da natureza como da sociedade; dialética, porque considera a realidade em processo de desenvolvimento, de transformação, de mudanças, um processo, aliás, contraditório e complexo.

Para o marxismo, não há rigorosamente nenhuma corrente do pensamento na história da humanidade que não tenha uma origem em determinadas condições de existência, isto é, sociais, econômicas, políticas e culturais. Não há, por isso mesmo, qualquer ordem de ideias que esteja acima da história humana, ou que tenha vida independente em relação às condições materiais da existência social. Podem ter uma longa vida, influenciar diversas

⁴¹ MARX, Karl. Posfácio da segunda edição. In: MARX, Karl. *O Capital*: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 90. No mesmo *Posfácio da segunda edição de O Capital*, Marx disse: “Critiquei o lado mistificador da dialética hegeliana há quase trinta anos, quando ela ainda estava na moda. Mas quando eu elaborava o primeiro volume de *O Capital*, os enfadonhos, presunçosos e medíocres epígonos que hoje pontificam na Alemanha culta acharam-se no direito de tratar Hegel como o bom Moses Mendelssohn tratava Espinosa na época de Lessing: como um “cachorro morto”. Por essa razão, declarei-me publicamente como discípulo daquele grande pensador e, no capítulo sobre a teoria do valor, cheguei até a coquetear aqui e ali com seus modos peculiares de expressão. A mistificação que a dialética sobre nas mãos de Hegel não impede em absoluto que ele tenha sido o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento. Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico. Em sua forma mistificada, a dialética esteve em moda na Alemanha porque parecia glorificar o existente. Em sua configuração racional, ela constitui um escândalo e um horror para a burguesia e seus porta-vozes doutrinários, uma vez que, na inteligência positiva do existente, inclui, ao mesmo tempo, a inteligência de sua negação, de seu necessário perecimento. Além disso, apreende toda forma desenvolvida no fluxo do movimento, portanto, incluindo o seu lado transitório; porque não se deixa intimidar por nada e é, por essência, crítica e revolucionária” Idem, p. 91).

gerações de indivíduos, ultrapassar séculos e, mesmo, milênios, mas suas raízes, desenvolvimento e perecimento estão necessariamente ligados a condições históricas socialmente determinadas.

O marxismo, como uma nova concepção de mundo, história e sociedade tem, portanto, por trás de si, um longo e contraditório processo de desenvolvimento do conhecimento e da história, dos próprios indivíduos e das classes, até chegarmos à história moderna e contemporânea, marcada pelo modo de produção capitalista e pela sociedade burguesa nele assentada e pelo acúmulo de conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade.

No âmbito da história, não podemos deixar de destacar que os indivíduos conheceram diversas e variadas formações sociais e econômicas, das quais, sem querer esgotar, poderíamos citar as sociedades comunistas primitivas ou originárias, as sociedades escravistas da Antiguidade, as sociedades feudais, a múltiplas formas sociais que antecederam o domínio e a colonização europeia na América, África e Ásia, bem como a atual formação social e econômica capitalista.⁴²

A certa etapa do desenvolvimento das sociedades comunistas, as relações sociais que a constituíam entraram em colapso, dando origem às formações sociais divididas em classes sociais, sob o fundamento da propriedade privada dos meios de produção, da exploração da força de trabalho humana e da apropriação do excedente econômico pela classe dominante. Eis as condições históricas fundamentais para o surgimento do

⁴² Marx e Engels estudaram as obras e autores, evidentemente, no nível de conhecimentos da sua época (século XIX), que trataram sobre as formações socioeconômicas pré-capitalistas. Podemos destacar, além de *A ideologia alemã* (1845-1846), de Marx e Engels, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels, além de cadernos resultantes dos estudos das diversas fontes. Cf. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2002; ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991; *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: edições Sociais, v. I, 1975; MARX, Karl. *Escritos sobre la comunidade ancestral*. La Paz: Vicepresidencia de Bolivia, 2015; MARX, Karl e ENGELS, Federico. *El porvenir de la comuna rural rusa*. México: PYP, 1980; MARX, Karl e ENGELS, Federico. *Sobre el modo de produccion asiático*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1969; MARX, Karl. *Los apuntes etnológicos de Karl Marx*. Madrid: Siglo XXI, 1988; *Formações econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991; O domínio britânico na Índia. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. 3, s/d; *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013; *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017; MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sobre el colonialismo*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1973. Cf. também: LUXEMBURGO, Rosa. *A sociedade comunista primitiva e sua dissolução*. São Paulo: Edições Iskra, 2015.

Estado e das instituições políticas necessárias à manutenção da nova ordem classista.

É precisamente isso que Marx e Engels defendem em variados escritos, amparando-se nos dados e pesquisas existentes em sua época nos campos de conhecimentos que hoje podemos enquadrar em ciências como a História, Antropologia e Etnologia, no que refere às sociedades pré-capitalistas e remanescentes. Engels sintetizou esses estudos em sua *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.⁴³

Em outras palavras, todas as sociedades humanas se fundaram numa determinada forma de organização do trabalho e da produção. Sem esse conjunto de relações sociais de produção e de organização da atividade laboral não se podem reproduzir minimamente a vida em sociedade e, portanto, garantir as condições materiais de existência social. Não há sociedade possível sem o necessário intercâmbio entre os indivíduos e a natureza, sob a mediação de uma determinada forma de trabalho, processo no qual se extraem os meios de produção e de subsistência.

Dito isto, é importante assentar, quando se discute a origem e as fontes do marxismo, que Marx e Engels elaboraram, com base nos conhecimentos acumulados historicamente, uma nova concepção de mundo, história e sociedade. Entretanto, como vimos, os fundadores do marxismo não tiveram que reinventar a roda. Apoiaram-se nos ombros dos grandes pensadores do passado e de sua época e nas experiências históricas de cada época, em particular do movimento operário e socialista.

Lênin demonstra essa questão em *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*:

O *Marxismo* é o sistema das ideias e da doutrina de Marx. Marx continuou e completou as três principais correntes de ideias do século XIX, que pertencem aos três países mais avançados da humanidade: a filosofia clássica alemã, a economia política clássica inglesa e o socialismo francês, ligado às doutrinas revolucionárias francesas em geral.⁴⁴

⁴³ Cf. ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

⁴⁴ LÊNIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. São Paulo: Global Editora, 1979, p. 15.

Portanto, a primeira conclusão é a de que não há marxismo ou socialismo científico sem toda essa base de conhecimentos historicamente acumulados em variados campos das ciências naturais e sociais. Na verdade, Marx e Engels foram capazes, pelas condições sociais, econômicas e políticas de sua época, de fazer um balanço desses conhecimentos e, por meio do materialismo histórico-dialético, uma síntese primorosa dos mesmos numa nova concepção, ao mesmo tempo rica e complexa.

O estudo da origem e fontes do marxismo nada mais faz que aplicar o método do materialismo histórico-dialético ao tratamento do próprio marxismo. Demonstra, antes de mais nada que, como as demais correntes de ideias, o marxismo também tem uma origem histórica determinada, que suas raízes estão ligadas a um contexto social, político, econômico e cultural e que seu passado e futuro estão condicionados pelo desenvolvimento do próprio capitalismo, até a sua completa superação pela revolução socialista dos trabalhadores e, portanto, a construção de uma nova sociedade.

Economia Política Clássica



Adam Smith (1723-1790) David Ricardo (1772-1823)

2.4. Capitalismo: base material da origem do marxismo

É precisamente em meados do século XIX, entre 1843 e 1845, que se desenrola um processo político e de elaboração teórica, no qual Marx e Engels avançam *pari e passo*, com fases de evolução gradual e de saltos qualitativos,

do hegelianismo e do democratismo radical ao materialismo e ao comunismo propriamente dito.

Trata-se de um processo no plano teórico e da prática política, que resultou na conformação da concepção materialista da história e do marxismo. Para esse salto, foram necessários, além da passagem ao materialismo e sua fusão com a dialética, os estudos sobre a Economia Política clássica.

Antes de Marx e Engels fundarem o socialismo científico, a chamada Economia Política burguesa, da qual se destacaram principalmente Adam Smith (1723-1790), autor de *A Riqueza das Nações* (1776) e David Ricardo (1772-1823), dos *Princípios de Economia Política e Tributação* (1817), desenvolveu um conjunto de conhecimentos e análises no sentido de desvendar a realidade econômica e social em ascensão: o capital. Mas o fizeram nos limites do conhecimento e das condições históricas de sua época.⁴⁵

Essa nova forma de riqueza, resultante do trabalho assalariado, consolidada pela Revolução Industrial, precisava ser estudada e compreendida em um novo corpo de ideais, que recebeu a denominação de Economia Política clássica. No dicionário editado por Bottomore, extraímos a seguinte análise do significado da Economia Política clássica:

a expressão está associada basicamente às obras de Adam Smith e David Ricardo, e de autores como Malthus, James Mill e J. S. Mill, McCulloch e Senior. O próprio Marx estabeleceu uma clara distinção entre a economia política científica (Adam Smith e David Ricardo, principalmente o segundo) e a economia política vulgar, que se desenvolveu depois de 1830. Marx encarava *O Capital*, sua principal obra, como uma crítica da economia política (...).⁴⁶

Adam Smith fez parte de um grupo de pensadores escoceses, que se sucederam como mestres e seguidores, do qual também fizeram parte Francis Hutcheson, Adam Ferguson, David Hume, John Millar e Lord Kames, que partiam do pressuposto de que

a história humana atravessa estágios de crescimento e que o modo de conseguir a sobrevivência em qualquer sociedade é a chave para a compreensão de cada um desses estágios, bem como da transição de um estágio para outro. Caça, pastoreio,

⁴⁵ Cf. SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. São Paulo: Abril Cultural, 1983; RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

⁴⁶ MEGHNAD, Desai. Economia Política. In: BOTTOMORE, Tom (Ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 118.

agricultura e comércio foram identificados como os quatro modos principais (...). Em *The Wealth of Nations*, a teoria dos quatro estágios ou etapas não recebe destaque, mas a lógica dessa ideia leva Adam Smith a associar o comércio com a liberdade. O crescimento do comércio e o crescimento da liberdade determinam-se mutuamente. O comércio pode ser visto como a chave da prosperidade, mas só a sua livre realização, não sujeita a limitações, poderia assegurar a prosperidade máxima. A liberdade é, portanto, uma chave para o crescimento do comércio que, difundindo-se mundialmente e tornando possível a acumulação de riquezas sob a forma líquida (isto é, móvel), torna os comerciantes independentes da tirania política e, portanto, aumenta as possibilidades de progresso da liberdade. Escrevendo numa fase bastante inicial da Revolução Industrial, Adam Smith percebeu a importância crucial da produção industrial. A divisão do trabalho na produção industrial tornava possível um crescimento sem precedentes da produção e da produtividade. Se fosse possível vender essa maior produção em um mercado, certamente, a divisão do trabalho mostrar-se-ia lucrativa, e os lucros poderiam ser reinvestidos em atividades ainda mais lucrativas. Ao situar o crescimento da riqueza na relação da divisão do trabalho com o crescimento dos mercados, Adam Smith libertou a teoria econômica de uma inclinação agrária que lhe havia sido transmitida pelos fisiocratas e do estreito *bias* comercial que lhe fora impingido pelos mercantilistas. O excedente não se originava apenas da terra, nem era a aquisição de tesouros (metais preciosos) a única medida, ou a medida desejável, da prosperidade econômica. Assim, a riqueza poderia tomar a forma de mercadorias (reproduzíveis) vendáveis. Se os possuidores de riqueza gastassem-na de maneira produtiva, em novos investimentos, a riqueza aumentaria. (...) Como a riqueza consistia de mercadorias vendáveis, reproduzíveis, o trabalho como agente primordial da produção (e, por meio da divisão do trabalho, como chave do aumento da produtividade) era a escolha óbvia para medida do valor dessas mercadorias. Mas o trabalho não era apenas uma *medida* de valor, era também concebido como *causa* ou fonte de valor.⁴⁷

David Ricardo, por sua vez, avançou no campo da Economia Política, aprofundando as teses de Smith e conformando as suas contribuições específicas a esse corpo de pensamento. Enquanto Smith escreveu a sua obra ainda no século XVIII, Ricardo produziu as suas ideias nas primeiras décadas do século XIX, portanto, em condições mais avançadas de desenvolvimento industrial e capitalista. Segundo Napoleoni,

Enquanto Smith havia definido a economia como a ciência da riqueza das nações, ou seja, como aquela ciência que se ocupa dos meios que devem ser adotados para que se

⁴⁷ Idem, p. 119.

obtenha o rendimento máximo para a riqueza “da república ou do soberano”, Ricardo define a Economia Política como sendo a ciência que se ocupa da distribuição do produto social entre as classes nas quais se acha dividida a sociedade. De forma mais precisa, segundo Ricardo a Economia Política se ocupa com a distribuição do produto entre salários, lucros e renda fundiária.⁴⁸

Portanto, superando a estreiteza das teorias mercantilistas sobre a origem da riqueza – acúmulo pelos Estados e governo de ouro e defesa de uma balança comercial favorável – e das ideias fisiocratas (Quesnay, Turgot) – especialmente da sua concepção de classe produtiva e de trabalho – a Economia Política clássica pôde, então, conceber a riqueza como o crescente aumento da produção de mercadorias, perpassadas pelo aprofundamento da divisão do trabalho e da produtividade, na nascente sociedade capitalista. Se legado consiste na elaboração da *teoria do valor-trabalho*, que consiste no fato de que o trabalho aparece para a Economia Política clássica como a fonte da riqueza.

Entretanto, a Economia Política Clássica tinha uma série de lacunas e debilidades teóricas que precisam ser superadas. Mandel sintetiza as fraquezas dessa corrente de pensamento em economia:

a) Sua própria definição de valor era incompleta, insatisfatória e ultrapassada. Para a economia política inglesa clássica o valor era, no fundo, simplesmente um instrumento de medida, um numerário que permitia reduzir a um único “fato” os diferentes elementos do custo das mercadorias ou as rendas das diferentes classes sociais. Smith e Ricardo não respondem à questão: qual é então a essência, a natureza desse misterioso valor?

b) A imprecisão sobre a natureza do valor conduz Adam Smith a uma contradição irremediável – um verdadeiro raciocínio circular – na tentativa de medir quantitativamente esse valor. Em Ricardo essa contradição foi apenas parcialmente superada. Realmente, para Adam Smith o trabalho determina o valor das mercadorias. Mas “o valor do trabalho” é por sua vez determinado pelo salário. O impasse é evidente quando se coloca a questão: o que determina o valor do salário, ou seja, o dos víveres (mercadorias de subsistência) que o operário compra com seu salário?

c) A economia capitalista é vista como sendo essencialmente estática. A explicação clássica visa antes de tudo o “estado de equilíbrio”. As únicas perturbações de equilíbrio consideradas são as provenientes de uma

⁴⁸ NAPOLEONI, Claudio. *Smith, Ricardo, Marx*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p. 85.

imperfeição da concorrência, ou seja, da sobrevivência de monopólios de todos os tipos, ou as provenientes de fenômenos monetários. A dinâmica fundamental da concorrência, criando um desequilíbrio quase permanente entre a oferta e a demanda, com uma quase sempre superando a outra e resultando em crises periódicas de excesso de produção, nem chega a ser percebida, quanto mais explicada. Isso não reflete apenas o fato de que tanto Adam Smith quanto Ricardo viverem antes que esse fenômeno de crises periódicas se manifestasse em toda a sua amplitude. Isso deve-se principalmente a uma falta de compreensão fundamental sobre a maneira pela qual a concorrência capitalista funda-se nos *processos de produção* com base em constantes transformações da técnica e, portanto, dos custos de produção, ou seja, sobre modificações rápidas no valor das mercadorias.⁴⁹

Mandel cita ainda outras questões problemáticas na Economia Política Clássica como a sua teoria do salário e da moeda. Mas, sobretudo, a posição dessa economia diante da realidade das condições de trabalho e das primeiras resistências dos trabalhadores, o que deixa patente o seu caráter de classe. Observa Mandel:

A economia política clássica pretende ser essencialmente objetiva. (...) Mas quando ela se defronta com a realidade da luta operária e da organização operária, principalmente a favor do aumento dos salários e redução da jornada de trabalho, ela bruscamente para de se contentar em dar conta de uma realidade inegável, ela torna-se novamente normativa, subjetiva, moralizadora. Ela tende a condenar as organizações e as lutas operárias como “entraves à liberdade”, “obstáculos à concorrência”, “conspirações”, “utopias contrárias a leis econômicas (leis de mercado) inexoráveis”, “atentados contra a ordem pública” etc. Para isso, ela precisa negar um aspecto fundamental da realidade econômica e social que seus representantes mais lúcidos, “a esquerda ricardiana” (os discípulos mais radicais de David Ricardo), tendem, entretanto a desvelar: o caráter explorador do modo de produção capitalista, que agudiza inevitavelmente a luta de classes entre patrões e assalariados (as), e conduz, não menos inevitavelmente, esses últimos a se agruparem, a se reunirem para defenderem seus interesses. Se a liberdade (burguesa) implica o direito de todos e todas de defenderem seus próprios interesses econômicos “egoístas”, por que os assalariados (as) não teriam o mesmo direito? Por que seria legítimo que os patrões procurassem aumentar seus lucros e não seria legítimo que os assalariados (as) procurassem aumentar seus salários?⁵⁰

⁴⁹ MANDEL, Ernest. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001, p. 38.

⁵⁰ Idem, pp. 39-40. Uma interessante exposição da Economia Política e da sua crítica marxista encontra-se em: NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução*

Como se observa, apesar do esforço de análise desses pensadores, a essência da nova ordem econômica e social de produção, circulação e distribuição de riquezas permanecia, na sua totalidade, incompreendida, até o advento da obra magna de Marx, *O Capital* (1867). Para fazer a sua crítica da Economia Política burguesa, Marx teve de subir literalmente nos ombros dos seus representantes e dos primeiros críticos da nova sociedade. Eles foram uma fonte excepcional de conhecimentos e experiências. Marx e Engels, em primeiro lugar, e os marxistas jamais negaram essa influência, em especial de Smith e Ricardo.

A familiaridade de Marx com as fontes da Economia Política clássica burguesa e os seus primeiros críticos fica patente nos livros I, II e III, de *O Capital* e nos escritos do que ficaram conhecidos como o livro IV, *As teorias da mais-valia*, editados por Karl Kautsky (1854-1938), no começo do século XX. Mas os estudos de Marx – e, porque não dizer, de Engels – no campo da Economia Política clássica burguesa em fins de 1843, tendo como primeira síntese *Os Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, antecedido pelos *Esboços de crítica à Economia Política*, de Engels.⁵¹

É preciso esclarecer esse processo. Em 1843, Engels escreveu nos *Anais franco-alemães*, publicados por Marx e Arnold Ruge (1802-1880) na França, um artigo intitulado *Esboço de crítica da economia política* (1843). No final de 1844 e início de 1845 finaliza o seu trabalho *As condições da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), em que se encontra a primeira crítica sistemática do marxismo em relação ao capitalismo. No caso de Marx, seus estudos, sob incentivo dos *Esboços* de Engels, começaram em 1844, a partir dos quais compila extratos de economistas nos seus *Cadernos de Paris*, a partir dos quais redige os famosos *Manuscritos Econômico-filosóficos* (1844).

Sobre os primeiros estudos de Marx com relação a Economia Política e a sociedade capitalista, Nicolai Lapine advoga:

Se *O Capital* é o vértice da doutrina econômica de Marx, os *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* marcam o

crítica. São Paulo: Cortez, 2006.

⁵¹ Cf. MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2006; ENGELS, Friedrich. *Esboço de crítica da economia política*. In: ENGELS, Friedrich. *Política*. São Paulo: Ática, 1981; *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ponto de partida da sua ascensão para esse vértice. Embora o balanço difira radicalmente do objetivo inicial, historicamente falando a progressão começou precisamente em 1844. (...)

Os estudos econômicos de Marx, que se iniciam em fins de 1843 e atingem o apogeu em Abril-Agosto de 1844, apresentam-se sob dois aspectos: extratos de trabalhos de economistas e notas pessoais.

Marx copiou extratos de trabalhos que se referem ao objetivo dos seus estudos. Existem nove cadernos de extratos datados de sua estada em Paris, cinco dos quais diretamente ligados aos *Manuscritos de 1844*. Contêm extratos de Say, Skarbek, Smith, Ricardo, James Mill, McCulloch, Prévost, Destutt de Tracy. O quinto caderno contém uma página não enumerada e que difere das outras: é um resumo dos *Esboços* de Engels.

A sua escolha minuciosa dos materiais e uma escrita cerrada permitem resumir em algumas páginas o conteúdo de volumes inteiros. Acompanha os extratos com notas pessoais, inicialmente muito raras e lacônicas. Depois, particularmente no quarto caderno, estas notas aumentam e transformam-se por vezes em ensaios independentes.

Uma outra forma que os estudos econômicos empreendidos por Marx adoraram nesta época foi uma *primeira tentativa de tratar de maneira independente os problemas da economia política*, a sua estrutura e conteúdo. Trata-se das notas pessoais, “tiradas para meu próprio entendimento”, como Marx gostava de dizer. Estas notas constituem os *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* (...).⁵²

Desde os *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, Marx desenvolveu um programa de estudos do modo de produção capitalista e de crítica da Economia Política burguesa, que se expressou em termos teóricos em obras como *Trabalho assalariado e capital* (1849), *Grundrisse* (1858-1859), *Para a crítica da Economia Política* (1859), *Salário, Preço e Lucro* (1867) e, principalmente em *O Capital* (1867).⁵³

Marx promoveu nesse campo uma verdadeira revolução, não só em relação a *O Capital*, mas a toda a sua obra, quanto ao caráter, origem, desenvolvimento, dinâmica, estrutura e contradições da sociedade burguesa e, portanto, das condições objetivas e subjetivas de sua destruição e superação por uma nova forma social: o comunismo. Em sua obra principal, Marx afirma:

⁵² LAPINE, Nicolai. *O jovem Marx*. Lisboa: Editorial Caminho, 1983, pp.229-230.

⁵³ ENGELS, Friedrich. *Trabalho assalariado e capital*. São Paulo: Global Editora, 1987; *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011; *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982; *Salário, Preço e Lucro*. São Paulo: Expressão Popular, 2006; *O Capital*: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017.

“O que pretendo nesta obra investigar é o modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e de circulação”.⁵⁴

Nessa obra, Marx também demonstra que a sociedade capitalista atual não é uma formação social e econômica eterna ou inalterável, mas uma forma transitória de sociabilidade, portanto, sujeita a mudanças e transformações. Assim como nasceu em uma determinada época histórica, fruto da conjugação de inúmeras transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, também está destinada a perecer.

O fundador do marxismo mostra também que a Economia Política clássica é produto das mesmas transformações que resultaram na consolidação da sociedade capitalista e que representa - por mais que seus autores estejam imbuídos do esforço por conhecer essas transformações e a nova forma de riqueza nascente – um determinado ponto de vista de classe.

Por ser burguesa, sito é, por entender a ordem capitalista como a forma última e absoluta da produção social, em vez de um estágio historicamente transitório de desenvolvimento, a economia política só pode continuar a ser uma ciência enquanto a luta de classes permanecer latente ou manifestar-se apenas isoladamente. Tomemos o caso da Inglaterra. Sua economia política clássica coincide com o período em que a luta de classes ainda não estava desenvolvida. Seu último grande representante, Ricardo, converte afinal, conscientemente, a antítese entre os interesses de classe, entre o salário e o lucro, entre o lucro e a renda da terra em ponto de partida de suas investigações, concebendo essa antítese, ingenuamente, como uma lei natural da sociedade. Com isso, porém, a ciência burguesa da economia chegara a seus limites intransponíveis.⁵⁵

Depois que a burguesia conquistou o poder político, com as revoluções democrático-burguesas, particularmente na Inglaterra e na França, e constituiu o seu próprio Estado capitalista, tratou de modificar o curso não só do seu pensamento, expresso por seus representantes ideológicos e políticos, como de consolidar o seu poder econômico e político, através das instituições jurídico-políticas. O problema é que, com o capitalismo, surgiu também o proletariado, como classe social antagônica, e, portanto, a luta de classes entre

⁵⁴ MARX, Karl. *O Capital*: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 78.

⁵⁵ Idem, p. 85.

capital e trabalho. Os trabalhadores tiveram também de se organizar (associações, sindicatos, partidos etc.) e lutar por suas reivindicações.

Desde então, a economia burguesa passou a revisar tudo aquilo que, na Economia Política clássica se tornou inoportuno e problemático. Como Marx atesta:

Na França e na Inglaterra, a burguesia conquistara o poder político. A partir de então a luta de classes assumiu, teórica e praticamente, formas cada vez mais acentuadas e ameaçadoras. Ela fez soar o dobre fúnebre pela economia científica burguesa. Não se tratava mais de saber se este ou aquele teorema era verdadeiro, mas se, para o capital, ele era útil ou prejudicial, cômodo ou incômodo, se contrariava ou não as ordens policiais. O lugar da investigação desinteressada foi ocupado pelos espadachins a soldo, e a má consciência e as más intenções da apologética substituíram a investigação científica imparcial.⁵⁶

Elaborando a sua crítica da economia política, não só nas obras que antecedem como também em *O Capital*, Marx vai concluindo que a essência do capitalismo está no fato de que os capitalistas encontram no mercado de trabalho uma mercadoria especial, a força de trabalho, que, uma vez colocada no processo de produção, junto aos meios de trabalho – máquinas, ferramentas, matéria-prima etc. – é capaz de produzir uma quantidade de riqueza muito maior que seu próprio valor e ao salário que recebe como contrapartida rebaixada da utilização como valor de uso na produção de riqueza.

Nas palavras de Marx:

Para poder extrair valor do consumo de uma mercadoria, nosso possuidor de dinheiro teria de ter a sorte de descobrir no mercado, no interior da esfera da circulação, uma mercadoria cujo próprio valor de uso possuísse a característica peculiar de ser fonte de valor, cujo próprio consumo fosse, portanto, objetivação de trabalho e, por conseguinte, criação de valor. E o possuidor de dinheiro encontra no mercado uma tal mercadoria específica: a capacidade de trabalho ou força de trabalho.⁵⁷

Para que o burguês consiga encontrar a força de trabalho disponível no mercado foi necessária uma série de transformações econômicas, sociais,

⁵⁶ Idem, p. 86.

⁵⁷ Idem, p. 242.

políticas e culturais no anterior modo de produção feudal, que resultaram na expropriação dos produtores diretos (camponeses, artesãos, pequenos proprietários). Em *O Capital*, precisamente no capítulo destinado à análise da acumulação primitiva, Marx descreve e analisa com profundidade as condições históricas e as transformações que, no feudalismo, possibilitaram o advento da classe de burgueses, do capitalismo enquanto modo de produção social e da sociedade burguesa subjacente a esse modo de produção.

O crescimento do comércio e do intercâmbio entre cidades e nações, a monetarização das relações econômicas, o cercamento de terras e a expulsão de camponeses do campo para as cidades, o avanço da ciência e da técnica, a produção crescente de mercadorias, a busca por novos mercados, o aparecimento das manufaturas e, posteriormente, da grande indústria, a ampliação da vida urbana, as grandes navegações e a exploração desenfreada das comunidades originárias e das colônias pelas grandes potências comerciais europeias na América, Ásia e África, a profunda opressão e exploração da mão de obra dos trabalhadores negros arrancados dos seus lugares de origem e a formação de uma classe de trabalhadores assalariados foram, entre outros fatos, as condições para a formação, desenvolvimento e consolidação do capitalismo, enquanto modo de produção, e da sociedade burguesa, com sua forma de Estado e suas instituições políticas.⁵⁸

Esse conjunto de elementos objetivos e subjetivos, sintetizados na relação capital – entre burgueses e trabalhadores assalariados, proletários – é a base para a imposição definitiva do capitalismo e sua expansão por todos os continentes e países, em desfavor das comunidades originárias e de suas formas de vida e culturas.

A grande indústria, baseada em sistemas de máquinas cada vez mais modernos, na concentração de trabalhadores nas grandes fábricas, na extração do trabalho excedente, não pago, dos trabalhadores assalariados, eis a base da sociedade atual. A Revolução Industrial do final do século XVIII e

⁵⁸ Sobre o processo de acumulação capitalista originária, que permitiu a consolidação do modo de produção capitalista por meio do processo de industrialização proporcionado pela Revolução Industrial do final do século XVIII e começos do XIX ler: MARX, Karl. *O Capital*: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017. Cf. também os debates sobre a passagem do modo de produção feudal ao modo de produção capitalista presentes em: SWEEZY, Paul M et al. *Do feudalismo ao capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1977. Sobre a exploração das colônias pelas metrópoles europeias e o uso de mão de obra escrava, ver: WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e Escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

início do XIX é a maior expressão desse processo no campo do desenvolvimento das forças produtivas (meios de produção e organização da força de trabalho), avançando continuamente a capacidade de produção na moderna sociedade burguesa.

Esse processo envolve não só a extensão do controle do capital sobre a força de trabalho (subsunção formal e subsunção material) como uma maior complexidade na organização da força de trabalho no ambiente fabril, que passa do processo artesanal, para métodos ainda mais complexos na manufatura e na grande indústria, da cooperação simples à cooperação complexa, envolvendo camadas cada vez maiores de trabalhadores assalariados e aprofundando a divisão social e técnica do trabalho na sociedade e nos ramos de produção.

A sociedade burguesa atual, baseada no modo de produção capitalista, tem como fundamento a exploração da força de trabalho assalariada, objetivando a extração de trabalho excedente, na forma de *mais-valia* (ou mais-valor), por meio da produção de mercadorias e da valorização do valor, do capital, que apropriada pela burguesia. Lênin explica esse processo:

O possuidor de moeda compra a força de trabalho pelo seu valor, determinado, como o de qualquer outra mercadoria, pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção (quer dizer pelo custo do sustento do operário e da sua família). Tendo comprado a força de trabalho, o possuidor da moeda tem o direito de a consumir, quer dizer de a obrigar a trabalho todo o dia, digamos, doze horas. Ora, em seis horas (tempo de trabalho “necessário”), o operário cria um produto que cobre as despesas do seu sustento, e, durante as seis outras horas (tempo de trabalho “suplementar”), cria um produto “suplementar”, não retribuído pelo capitalista, que é a mais-valia.⁵⁹

Lênin utiliza no exemplo a jornada de trabalho de 12 horas. No Brasil atual, como em outros países, a jornada de trabalho é de 8 horas. No entanto, o processo de exploração e de acumulação do capital é, em essência, o mesmo, embora, tenha havido, desde então, muitas mudanças no capitalismo. Com relação a esse aspecto da crítica marxista da sociedade, devemos ficar nesse nível. Mas é preciso dizer ainda algumas coisas.

⁵⁹ LÊNIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. São Paulo: Global Editora, 1979, p. 31.

Como toda formação social, também no capitalismo atual é preciso produzir e reproduzir cotidianamente as condições de existência social. No caso do capitalismo, é necessário de início que haja uma classe dona dos meios de produção e outra, que não tenha outra possibilidade de sobrevivência social, a não ser vender a sua força de trabalho. Essas condições têm de ser reproduzidas constantemente para que o modo de produção capitalista possa continuar existindo. O capital, portanto, é uma relação social entre capitalistas e trabalhadores assalariados.⁶⁰

Como observa apropriadamente Franz Mehring:

O capital veio ao mundo destilando sujeira e sangue por todos os poros, e tão logo conseguiu se levantar, não apenas manteve a separação do trabalhador dos meios necessários para usar sua força de trabalho, como também reproduziu esta separação numa escala sempre crescente.⁶¹

Como se disse na primeira parte do texto, a humanidade conheceu, ao longo da história, diversas e variadas formações sociais e econômicas. Dentre as sociedades divididas em classes sociais e fundadas na exploração do trabalho humano, o capitalismo é aquela formação que, ao desenvolver profundamente as forças produtivas industriais, a técnica mais avançada e o conhecimento científico, cria as condições objetivas e subjetivas para o surgimento do marxismo, como expressão desse processo de constituição do proletariado como *classe em si e para si*, cujo objetivo histórico é a destruição da sociedade burguesa e da propriedade privada dos meios de produção, a superação das classes sociais, mediante a tomada revolucionária do poder e a constituição, transitoriamente, do domínio da classe trabalhadora, através da destruição da máquina de Estado burguês e a constituição de um Estado proletário.

O capitalismo é, portanto, a base material (histórico-social) desse processo dialético de aparecimento e desenvolvimento do movimento socialista. O marxismo é, dessa forma, a expressão consciente do processo

⁶⁰ Toda essa análise de Marx sobre a origem, desenvolvimento, estrutura e contradições do modo de produção capitalista e da sociedade burguesa que lhe é correspondente, encontra-se ao longo de sua obra de crítica da Economia Política burguesa e do capitalismo, em especial em: MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.

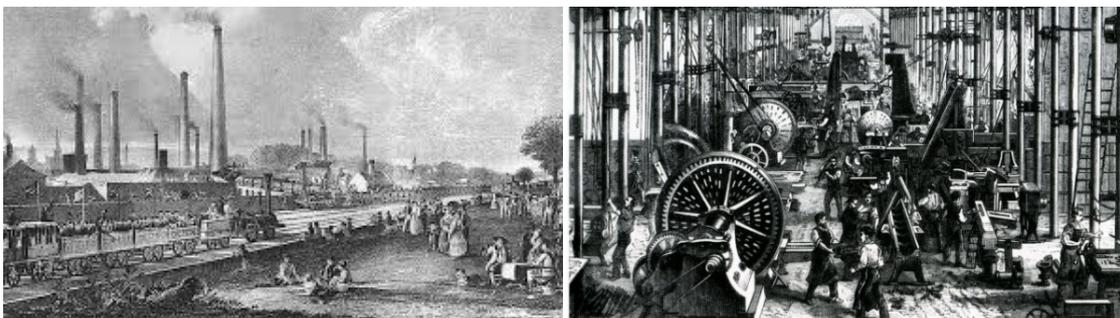
⁶¹ MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013, p. 354.

inconsciente da história e da luta de classes. Trotsky expressa essa definição do marxismo no livro *Em defesa do marxismo*:

O socialismo científico é a expressão consciente do processo histórico inconsciente, ou seja, da tendência elementar e instintiva do proletariado de reconstruir a sociedade sobre princípios comunistas.⁶²

É o sinal de que a contradição entre capital e trabalho se tornou insolúvel e que é preciso resolver essas contradições na sociedade e na luta de classes, abrindo caminho à revolução social do proletariado e à construção de uma sociedade socialista.

Contexto histórico da formação do marxismo



A Revolução Industrial e as fábricas modernas



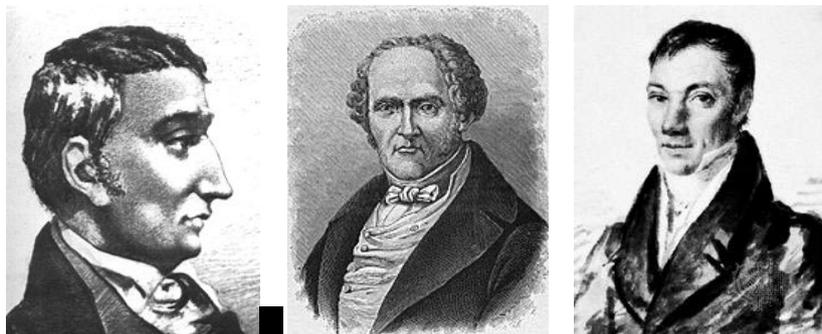
Revolução Francesa de 1789



Revolução de 1848

⁶² TROTSKY, Leon. *Em defesa do marxismo*. São Paulo: Sundermann, 2011, p. 146.

Socialistas Utópicos

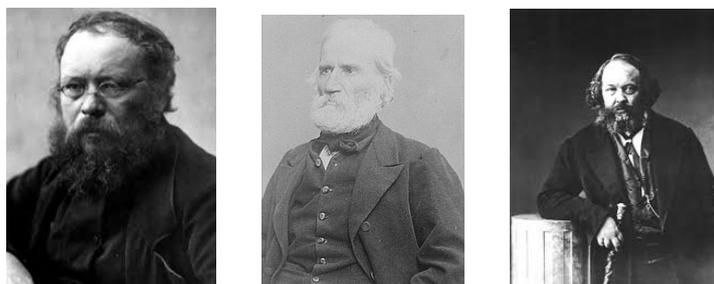


Saint-Simon
(1760-1825)

Charles Fourier
(1772-1837)

Robert Owen
(1771-1858)

Personalidades do movimento socialista do séc. XIX

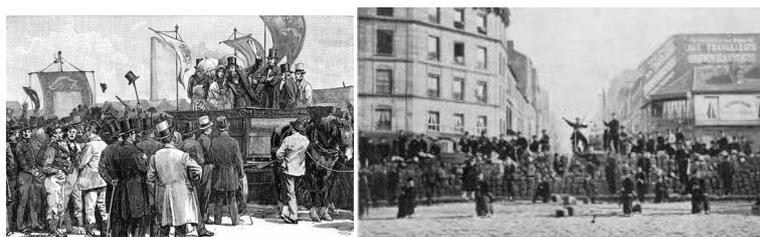


Proudhon
(1809-1865)

Auguste Blanqui
(1805-1881)

Mikhail Bakunin
(1814-1876)

Proletariado e Movimento Operário no século XIX



Movimento Cartista

Comuna de Paris de 1871

2.5. Classe trabalhadora: concepção de sociedade e organização política

Há um aspecto da teoria marxista que a crítica contemporânea procura obscurecer: o fato de Marx e Engels levarem até as últimas conseqüências a relação entre teoria e prática social, pensamento e ação. Os fundadores do marxismo foram não só grandes pensadores e cientistas da vida social,

história, economia e política, como foram, antes de tudo, revolucionários, ligados desde praticamente 1844, quando eram ainda bastante jovens, aos movimentos operários e socialistas de sua época.

Analisando a relação entre o desenvolvimento das contradições do capitalismo e a crescente organização dos trabalhadores, Löwy observa:

As consequências econômico-sociais da Revolução Industrial tornam-se cada vez mais patentes na Europa durante o período entre 1830 e 1848: crescimento das cidades, desenvolvimento da indústria e do comércio, concentração e aumento numérico do proletariado, pauperização e proletarização do artesanato etc. Essas transformações determinam, mediata e imediatamente, um grande reforço e uma reorientação do movimento operário. Assim, na França, vemos a constituição de correntes e grupos operários autônomos, separados do republicanismo ou do jacobinismo puramente burguês: é o rápido desenvolvimento das “uniões operárias”, das sociedades de resistência, das sociedades secretas de composição e ideologia operária, do comunismo neobabouvista, é a onda de coalizões, greves, tumultos e insurreições populares. Na Inglaterra, os *trade-unions* se desenvolvem, as massas operárias se organizam politicamente (cartismo), as greves e as sublevações se sucedem. Na Alemanha, as primeiras associações operárias aparecem, assim como as primeiras revoltas dos trabalhadores. No exílio, os artesãos alemães constituem sociedades secretas babouvistas. Em suma, a classe operária europeia aparece no palco da História: começa a agir por organizações próprias e a esboçar seu próprio programa.⁶³

Desde cedo, os fundadores do marxismo procuraram unir o movimento comunista ao movimento operário. Podemos dizer que a teoria marxista se forja no seio do processo de organização da classe operária. Não obstante, Marx e Engels tiveram de travar uma luta descomunal no seio do movimento socialista e operário contra as correntes e concepções utopistas e reformistas.

É necessário, portanto, antes de tudo, analisar como Marx e Engels superaram as primeiras concepções políticas dos chamados socialistas utópicos e dos chefes do movimento operário, defensores de concepções reformistas e golpistas e como desenvolveram uma base científico-filosófica, capaz de contribuir decisivamente para a organização política da classe trabalhadora, no sentido da constituição do proletariado em *classe em si*,

⁶³ Cf. LÖWY, Michael. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 50.

organizada e consciente dos seus interesses históricos, e armado com um programa claro de destruição do capitalismo e constituição do comunismo.

Desde a Antiguidade, os pensadores expressaram em suas obras e reflexões as contradições das sociedades classistas – isto é, divididas em classes sociais antagônicas - em que viveram e produziram as suas ideias: conflitos, desigualdades, injustiças. Percebemos também que, em determinadas obras, exprimem-se os desejos e projetos de sociedades mais justas, menos desiguais, sem as iniquidades geradas pela divisão social em classes.

Engels cita diversas vezes movimentos e personalidades que expressaram ideias desse tipo:

Tal foi na época da Reforma e das guerras camponesas na Alemanha a tendência dos anabatistas e de Thomas Münzer; na grande Revolução Inglesa, os “levellers” [niveladores], e na Revolução Francesa, Babeuf. Essas sublevações revolucionárias de uma classe incipiente são acompanhadas, por sua vez, pelas correspondentes manifestações teóricas: nos séculos XVI e XVII aparecem as descrições utópicas de um regime ideal da sociedade; no século XVIII, teorias já abertamente comunistas, como as de Morelly e Mably. A reivindicação da igualdade não se limitava aos direitos políticos, mas se estendia às condições sociais de vida de cada indivíduo; já não se tratava de abolir os privilégios de classe, mas de destruir as próprias diferenças de classe. Um comunismo ascético, ao modo espartano, que renunciava a todos os gozos da vida: tal foi a primeira forma de manifestação da nova teoria.⁶⁴

Mandel registrou os autores e obras relacionadas ao desenvolvimento de ideias comunistas e socialistas utópicas:

O protótipo dessas “utopias”, entretanto, é a obra do chanceler da Inglaterra, Thomas More (Morus), executado pelo rei Henrique VIII em 1535 e mais tarde santificado pela Igreja Católica, obra chamada justamente de *Utopia* (descrição de um país com esse nome, onde se estabelece uma sociedade comunitária).

⁶⁴ Cf. ENGELS, Friedrich; Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975, pp. 28-29. Marx e Engels analisam em diversas obras, o sentido e os condicionamentos históricos das correntes socialistas utópicas das décadas anteriores ao aparecimento do socialismo científico. Cf. ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2007; MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã. A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2002; *O manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.

Variantes dessa primeira utopia, mais ou menos inspiradas por ela, foram redigidas mais tarde pelo italiano Campanella (1568-1639): *Civitas Soli* (A Cidade do Sol); pelo inglês James Harrington (1611-1677): *The Commonwealth of Oceana* (A Comunidade de Oceana); e pelos franceses Fénelon (1651-1715): *La Télémachie* (As aventuras de Telêmaco); Jean Meslier (1664-1729): *Le Testament*, e Morelly: *La Basilidade* (1753) e *Le Code de La Nature* (1754). Essa últimas são, sem dúvida, as duas utopias socialistas mais significativas, principalmente porque, no *Le Code de La Nature*, Morelly descreve uma sociedade sem Estado onde concebe-se explicitamente as condições econômicas como determinantes das condições políticas. O francês Mably (1709-1785) será um inspirador direto de Charles Fourier.⁶⁵

A própria sociedade burguesa moderna, nas primeiras décadas do século XIX, viu brotar de suas entranhas pensadores e doutrinas utópicos com seus projetos de redenção dos males da sociedade, seja com o auxílio da própria classe dominante, por experiências localizadas, formação de pequenas comunidades (falanstérios). Acrescenta Engels:

Mais tarde vieram os três grandes utopistas: Saint-Simon, em que a tendência continua ainda a se afirmar, até certo ponto, junto à tendência proletária; Fourier e Owen, este último, num país onde a produção capitalista estava mais desenvolvida e sob a impressão engendrada por ela, expondo em forma sistemática uma série de medidas orientadas no sentido de abolir as diferenças de classe, em relação direta com o materialismo francês.⁶⁶

Não obstante, aqui é preciso fazer uma diferenciação entre os primeiros autores que descreveram sociedades ideais do futuro e os socialistas utópicos das primeiras décadas do século XIX. Autores como Saint-Simon (1760-1825), Robert Owen (1771-1858), Charles Fourier (1772-1837), Etienne Cabet (1788-1856) não se conformam somente em descrever a nova sociedade do futuro,

⁶⁵ MANDEL, Ernest. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001, pp. 50-51.

⁶⁶ENGELS, Friedrich; Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975, p. 29. Pode-se consultar também: MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013; BOTTIGELLI, Émile. *A gênese do socialismo científico*. São Paulo: Mandacaru, 1974; MACLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990; LAPINE, Nicolai. *O jovem Marx*. Lisboa: Caminho, 1983; CORNU, Auguste. *Carlos Marx; Federico Engels: del idealismo al materialismo histórico*. Buenos Aires: Editoriales Platina, 1965; LÖWY Michael. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012; DUMÉNIL, Gérard, LÖWY, Michael e RENAULT, Emmanuel. *Ler Marx*. São Paulo: Editora Unesp, 2011; FREDERICO, Celso. *O jovem Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

mas procuram, recorrendo à nobreza ou por meios próprios, criar experiências de comunidades, a partir da orientação de suas ideias críticas à sociedade existente.

Na verdade, uma das maiores debilidades dessas correntes de socialistas utópicos pré-marxistas, em geral, desconfiavam ou simplesmente relegavam os trabalhadores (explorados e oprimidos) enquanto classe social e não haviam produzido uma concepção efetivamente científica da organização societária capitalista, do processo social de exploração da força de trabalho e da produção da riqueza especificamente burguesa: o capital. Como adverte Engels:

Traço comum aos três é que não atuavam como representantes dos interesses do proletariado, que entretanto surgira como um produto histórico. Da mesma forma que os enciclopedistas, não se propõem emancipar primeiramente uma classe determinada, mas, de chofre, toda a humanidade.⁶⁷

Mas isso significa que Marx e Engels desprezaram as contribuições dos socialistas utópicos? De modo algum, procuraram compreender o contexto em que brotaram, as suas raízes teóricas e as suas limitações históricas. Segundo Engels, essas correntes utópicas se proliferaram nas condições históricas de desenvolvimento embrionário do capitalismo e dos conflitos de classes:

naquela época, o modo capitalista de produção, e com ele o antagonismo entre a burguesia e o proletariado, achava-se ainda muito pouco desenvolvido. A grande indústria, que acabava de nascer na Inglaterra, era ainda desconhecida na França. E só a grande indústria desenvolve, de uma parte, os conflitos que transformam numa necessidade imperiosa a subversão do modo de produção e a eliminação de seu caráter capitalista – conflitos que eclodem não só entre as classes engendradas por essa grande indústria, mas também entre as forças produtivas e as formas de distribuição por ela criadas – e, de outra parte, desenvolve também nessas gigantescas forças produtivas os meios para solucionar esses conflitos. Às vésperas do século XIX os conflitos que brotavam da nova ordem social mal começavam a desenvolver-se, e menos ainda, naturalmente os meios que levam à sua solução. Se as massas despossuídas de Paris conseguiram dominar por um momento o poder durante o regime do terror, e assim levar ao triunfo a revolução burguesa, inclusive contra a burguesia, foi só para demonstrar até que ponto era impossível marte por

⁶⁷ ENGELS, Friedrich; Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975, p. 29.

muito tempo esse poder nas condições da época. O proletariado, que apenas começava a destacar-se no seio das massas que nada possuem, como tronco de uma nova classe, totalmente incapaz ainda para desenvolver uma ação política própria, não representava mais que um estrato social oprimido, castigado, incapaz de valer-se por si mesmo. A ajuda, no melhor dos casos, tinha que vir de fora, do alto.⁶⁸

Nessas condições incipientes, essas correntes utopistas não conseguiram desenvolver uma concepção científica capaz de explicar a origem, estrutura, dinâmica e as contradições da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista, como não podem adotar um ponto de vista independente e de classe diante da burguesia em ascensão, recorrendo muitas vezes à própria classe dominante para conseguir os meios necessários à implementação dos seus projetos de comunidades.

Os utopistas, na verdade, passaram a conceber projetos de sociedades futuras, forjados a partir da concepção de ideias inatas à natureza humana ou determinadas por uma moral/ideologia, sem que se tenha uma análise científica da base material da sociedade capitalista nascente ou do processo de exploração da força de trabalho assalariada:

Essa situação histórica informa também as doutrinas dos fundadores do socialismo. Suas teorias incipientes não fazem mais do que refletir o estado incipiente da produção capitalista, a incipiente condição de classe. Pretendia-se tirar da cabeça a solução dos problemas sociais, latentes ainda nas condições econômicas pouco desenvolvidas da época. A sociedade não encerrava senão males, que a razão pensante era chamada a remediar.

Tratava-se, por isso, de descobrir um sistema novo e mais perfeito de ordem social, para implantá-lo na sociedade vindo de fora, por meio da propaganda e, sendo possível, com o exemplo, mediante experiências que servissem de modelo. Esses novos sistemas sociais nasciam condenados a mover-se no reino da utopia; quanto mais detalhados e minuciosos fossem, mais tinha que degenerar em puras fantasias.

Assentado isso, não há por que nos determos nem um momento mais nesse aspecto, já definitivamente incorporado ao passado. Deixemos que os trapeiros literários revolvam solenemente nessas fantasias, que parecem hoje provocar o riso, para ressaltar sobre o fundo desse “cúmulo de disparates” a superioridade de seu raciocínio sereno. Quanto a nós, admiramos os germes geniais de ideias e as ideias geniais que brotam por toda parte sob essa envoltura de fantasia que os filisteus são incapazes de ver.⁶⁹

⁶⁸ Idem, pp. 30-31.

⁶⁹ Idem, 31.

Há evidentemente outras debilidades, colecionadas por Mandel:

a) O projeto de sociedade socialista opõe-se à sociedade burguesa existente sem levar em conta as conquistas e contradições desta. (...)

b) Para os socialistas utópicos, o motor essencial do advento da nova sociedade são a *educação e a propaganda*, fenômenos basicamente *individuais e superestruturais*. Embora o engajamento individual vise os resultados, numericamente mais amplos, ele é considerado como um fenômeno de “propaganda pela ação”, recuperado mais tarde pelos grupos revolucionários anarquistas e terroristas. Daí a importância atribuída pelos socialistas utópicos à realização imediata de “células da vida futura”, cooperativas e colônias comunistas etc. (...)

c) A principal fraqueza dos socialistas utópicos, que decorre de todas as fraquezas precedentes e explica, em última análise, por que eles estavam condenados ao fracasso, é que a sociedade sem classes aparece para eles como outorgada a *massas consentidas ou mesmo recalcitrantes* por regimes e essencialmente autoritários, ou até mesmo tirânicos e despóticos. Da República de Platão e da *Utopia* de Morus até a *Icária* de Cabet, os filósofos, sábios e educadores reinam como mestres, e algumas vezes explicitamente como ditadores. A repressão, a punição, e até mesmo as prisões, o exército, a guerra, subsistem nessas utopias. Apenas os falanstérios de Fourier, as cooperativas de Owen e a visão de Tristan constituem honrosas exceções – ao menos parciais – a essas regras.⁷⁰

Charles Fourier se destaca entre os socialistas utópicos pela crítica fulminante à sociedade burguesa, à produção mercantil e à opressão vivenciada pelas mulheres na família patriarcal. Propõe, para remediar os males do capitalismo, a criação de falanstérios, verdadeiras “coletividades de produtores-consumidores de 1.000 a 2.000 pessoas, gerindo-se elas mesmas e trabalhando, ao mesmo tempo, como agricultores, artesãos e artistas”.⁷¹

Robert Owen, movido pelo sentimento de revolta contra as consequências nefastas do capitalismo nos trabalhadores, em particular, a miséria, defende

sucessivamente a legislação social, a fundação de colônias comunistas na América, a centralização dos sindicatos ingleses em uma única confederação nacional (*Grand National Union*, 1834) e finalmente a criação de *cooperativas operárias de produção*, a primeira das quais foi fundada em Rochester, em

⁷⁰ MANDEL, Ernest. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001, pp. 53-54.

⁷¹ Idem, p. 51-52.

1839. É sobretudo como pai do movimento cooperativista que Robert Owen entrou para história.⁷²

Etienne Cabet, advogado francês,

é o que exercerá maior influência no meio operário durante sua vida. Sua obra *Viagem a Icária* foi lida por milhares de trabalhadores (ele mesmo estimava ter feito 200.000 adeptos, cifra seguramente exagerada). Ele marcou profundamente a consciência operária na França às vésperas da revolução de 1848. Sua descrição de uma *economia planejada pelo Estado* – oposta à economia de mercado – exercerá influência direta sobre os socialdemocratas franceses, como Louis Blanc, e alemães, como Ferdinand Lassalle.⁷³

Flora Tristan teve uma particular importância, entre os primeiros socialistas do século XIX. Como observa Mandel:

Finalmente, a operária francesa Flora Tristan (1803-1844) defende em *A União Operária*, a criação de “palácios operários” em todas as cidades, onde seria realizada a igualdade mais absoluta entre os dois sexos, que receberiam uma educação comum. Tristan fez uma crítica radical da condição das mulheres da época, descrevendo-as como “proletárias dos próprios proletários”. Suas ideias inspiraram as tentativas de “organização do trabalho” realizadas durante a revolução de 1848, e Marx assumiu a defesa de seu feminismo contra seus críticos.⁷⁴

Os “germes geniais de ideias e as ideias geniais”; era assim que os fundadores do marxismo caracterizavam, apesar de todas as limitações e imprecisões, as contribuições dos primeiros socialistas modernos (Saint-Simon, Fourier e Owen, em particular). Não os tratavam como cachorro morto, como muitas vezes, Marx e Engels foram tratados depois de mortos.

Em livros como *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), de Engels, *A ideologia alemã* (1845-1846) e *O Manifesto Comunista* (1848), de Marx e Engels, além de *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, de Engels, observamos como fundadores do marxismo procuram analisar, sem quaisquer preconceitos, as teses dos socialistas utópicos e das correntes operárias, tecendo críticas no sentido de fazer avanços no movimento dos trabalhadores, na direção efetivamente revolucionária.

⁷² Idem, p. 51.

⁷³ Idem, p. 52.

⁷⁴ Idem, p. 52.

Para além dos socialistas utópicos, é preciso dizer que outras personalidades importantes para o movimento social ganharam corpo nas décadas seguinte. Entre elas, podem-se destacar nomes como Wilhelm Weitling (1808-1871), Proudhon (1809-1865) e Auguste Blanqui (1805-1881). Como avalia Mandel, a “evolução do socialismo utópico produziu três figuras de proa que fizeram a transição da filantropia e do propagandismo pré-proletário à ação proletária propriamente dita”, ou seja, os citados acima, sendo que Weitling e Blanqui estavam muito mais ligados à “tradição revolucionária surgida com as revoluções americana e francesa”.⁷⁵

Os ideais e ação organizativa de Gracchus Babeuf, dirigente da *Conspiração dos Iguais*, executado depois da tentativa de “apoderar-se do poder por um golpe de Estado em plena contrarrevolução termidoriana em 1797” na França, tiveram sua continuidade por meio de um dos seus seguidores sobrevivente, Buonarotti, que

esforça-se para assegurar a continuidade dos princípios e projetos revolucionários de Babeuf na *Société des Saisons*, que surge em Paris após a queda dos Bourbons, no início da década de 1830, e da qual Augusto Blanqui foi o líder incontestável.⁷⁶

Blanqui foi sem dúvida uma das figuras mais importantes do movimento social francês do século XIX. Deixou sua marca nos processos políticos que sacudiram a França naquele período, compreendido entre as jornadas revolucionárias de 1848 e a Comuna de Paris, de 1871. Mandel o definiu da seguinte maneira:

Militante de coragem, firmeza, convicção e honestidade inabaláveis, ele foi como que a encarnação das aspirações e da ação revolucionária do proletariado francês, sobretudo do proletariado parisiense. Ele tentou conquistar o poder através de uma série de golpes de Estado, foi preso numerosas vezes – passou mais de vinte anos de sua vida na prisão – mas conseguiu manter a continuidade de sua organização clandestina. Quando surge a *Comuna de Paris*, em março de 1871, ele ainda estava na prisão, em território controlado pelo governo contrarrevolucionário de Thiers. Considerado por todos – inclusive Karl Marx – como o dirigente natural da Comuna, na qual seus partidários constituíam uma minoria agrupada em torno de Vaillant, sua liberdade foi reclamada

⁷⁵ Idem, p. 59.

⁷⁶ Idem, p. 60.

pela Comuna a Thiers em troca de todos os reféns feitos, inclusive o arcebispo de Paris. Thiers recusa, demonstrando, assim, até que ponto a burguesia francesa temia a capacidade de organização e agitação do grande revolucionário da guerra civil. Durante os anos 1880-1890, a corrente blanquista acabou se unindo à corrente marxista durante o processo de criação do partido operário socialista de massa na França.⁷⁷

Weitling era um operário que chegou ao comunismo por meio de seus próprios estudos e pela experiência de sua condição proletária:

Aprendizes de artesãos alemães itinerantes em toda a Europa – e que, graças a esse modo de vida, puderam superar os primeiros horizontes localistas e profissional-corporativistas estreitos das primeiras camadas proletárias de seu país - criaram em 1834, em Paris, (sob influência da *Société des Saisons* blanquista) uma *Liga dos Reprovados* (*Bund der Geächteten*), sociedade secreta da qual emerge em 1838 a *Liga dos Justos* (*Bund der Gerechten*), dirigida por Weitling. Ela assume um programa comunista utópico intitulado “A Humanidade como ela é e como ela deve ser”.

Essa sociedade secreta abandona seus vagos projetos de luta pelo poder após o fracasso da conspiração blanquista de 1839 e se orienta mais para objetivos e implantação de cooperativas e colônias comunistas, sob a influência de Owen e Cabet. Mas, como no caso do babovismo na França, a tradição de organização revolucionária clandestina foi mantida. A Liga dos Justos foi rebatizada como *Liga dos Comunistas* (*Bund der Kommunisten*) em 1847, no momento em que Marx e Engels aderiram formalmente a ela. (O Comitê de Correspondência Comunista que eles formaram no início de 1846, em Bruxelas, desde o início manteve contato com a Liga dos Justos.)⁷⁸

Como afirma Mandel, as ideias e ações de Babeuf, Blanqui e Weitling representaram certos avanços em relação ao socialismo utópico anterior, na medida em que, incorporando as experiências das revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII, acabaram por defender a “necessidade de *ação política para a conquista do poder*”, contra o apoliticismo reinante no movimento socialista e operário da época, que, em geral, extraía lições negativas dos acontecimentos revolucionários burgueses e da política, concentrando as suas forças na emancipação puramente econômica e na organização para esse objetivo. Para Babeuf, Blanqui e Weitling, ao contrário, o poder política era fundamental para a classe dominante manter o processo de dominação contra

⁷⁷ Idem, p. 60-61.

⁷⁸ Idem, p. 61.

os proletários e semiproletários e, portanto, era necessário constituir uma organização apropriada ao objetivo da tomada do poder político.⁷⁹

Outra lição tirada por essas correntes políticas para a luta foi a defesa “da *organização revolucionária de vanguarda*”. Para eles, a principal questão decorrente das experiências revolucionárias “não era a da inutilidade das revoluções populares pretensamente condenadas à derrota, mas a da inevitabilidade da derrota das classes populares se elas enfrentassem os ricos sem uma direção e organização de ferro”. Por isso, esses revolucionários “estavam convencidos de que apenas um núcleo de revolucionários profundamente motivados, endurecidos, disciplinados poderia acabar com esse inimigo poderoso” e enfrentar a capacidade “da força e da eficácia do aparelho de repressão burguês e da capacidade contrarrevolucionária da burguesia”.⁸⁰

Realçavam, por fim, a “*defesa da tradição e da continuidade revolucionárias*”, em meio à atmosfera de decepção e ceticismo depois da derrota do período mais revolucionário da Revolução Francesa (1789-1793), sob o poder dos jacobinos, que foi sucedido respectivamente pela reação, o Termidor, Consulado e Império. Diante dessas circunstâncias, inúmeros revolucionários e pensadores passavam para o lado da reação ou passavam a defender posições puramente legalistas e reformistas. Nesse sentido, as ideias e ações de Babeuf, Blanqui e Weitling representam a defesa da permanência de posições e organizações políticas revolucionárias.

Como avalia corretamente Mandel:

Diante dessa vaga de adaptação capitulante à ideologia da classe dominante, os primeiros núcleos revolucionários pré-proletários e proletários mantiveram a tradição revolucionária do século XVIII, incorporando a ela o máximo de autocrítica que era possível aos revolucionários dessa época. Essa continuidade facilita enormemente a emergência de uma nova concepção e tradição revolucionárias, puramente proletárias, a partir da revolução de 1848.⁸¹

Entretanto, para além desses aspectos positivos nas concepções e ações desses revolucionários anteriores a Marx e Engels, é preciso destacar as lacunas, imprecisões e equívocos. A primeira é que “luta pelo poder político é concebida essencialmente como emanando de uma minoria, até mesmo de

⁷⁹ Idem, p. 61-62.

⁸⁰ Idem, p. 62.

⁸¹ Idem, p. 63.

uma minoria muito reduzida da sociedade e das próprias classes populares”. Por isso, o caráter secreto e conspiratório dessas organizações e a defesa, em geral, do golpe de Estado como meio para a conquista do poder por uma minoria altamente organizada, disciplina e armada, por fora do movimento de massas do proletariado propriamente dito. Trata-se, como diz Mandel, “de um poder a serviço do povo, para o povo, mas não exercido diretamente pelo povo (Weitling, mais diretamente proletário do que Blanqui, era mais prudente quanto a isso)”. Do ponto de vista dos

objetivos econômicos e sociais a serem atingidos pela revolução continuavam imprecisos (sobretudo em Blanqui) ou utópicos (em Weitling), devido à ausência de conhecimento econômico suficiente e sobretudo considerando-se a análise insuficiente da natureza do capitalismo e suas contradições. Desse ponto de vista, Babeuf, Blanqui e Weitling ficavam em posição inferior até mesmo aos socialistas utópicos e aos economistas pós-ricardianos mais audaciosos.⁸²

Na verdade, as fraquezas dessas correntes estão ligadas ao contexto em que atuaram e aos objetivos que traçavam. Como tal, procuravam

combinar a tradição jacobina pequeno-burguesa das grandes revoluções do século XVIII com a experiência de organização do proletariado pré-industrial e não para tirar conclusões sobre as primeiras experiências revolucionárias do próprio proletariado industrial. Marx e Engels tiveram que superar essas lacunas de maneira sistemática, elaborando seus próprios conceitos sobre a organização e ação revolucionária do proletariado, o que resulta, após a revolução de 1848-1850, em uma concepção própria da revolução proletária.⁸³

Marx e Engels caminham contra tudo isso. Inclusive contra as concepções cada vez mais reformistas de Proudhon – centradas fundamentalmente na ideia de banco do povo e crédito - e as posições de Bakunin e seguidores – anarquismo -, ainda tributários das seitas conspirativas, amparados em camadas pré-proletárias, no seio do movimento socialista internacional e defensores de uma ação apoliticista e, em certa medida, fundada na chamada “emancipação econômica”, contra a ação política coletiva e revolucionária do proletariado.

⁸² Idem, p. 64.

⁸³ Idem, p. 64.

É sabido que, nos documentos da I Internacional (manifestos, declarações, resoluções), por exemplo, Marx procura analisar as posições de certas correntes que advogavam as posições de Proudhon (os proudhonistas), além do próprio Bakunin e seus seguidores, que tinham certa influência no movimento operário e socialista na Europa (França, Suíça, Itália e Espanha).⁸⁴

Não obstante, Marx e Engels não caminham inventando a roda da história. Subiram nos ombros daqueles que pensaram e procuraram saídas antes deles. E, portanto, souberam reconhecer a influência que tiveram nos planos do pensamento filosófico, político e social. Souberam, portanto, absorver o que de mais importante existia em termos de ideias e de análises nas correntes anteriores do pensamento humano. No conjunto, os fundadores do marxismo formularam uma nova concepção de sociedade e da história, que leva em consideração todos os avanços registrados, colocando o conhecimento humano em novo patamar em termos teóricos e políticos.

Portanto, coube a Marx e Engels fundar e desenvolver uma nova corrente de pensamento na história social e no interior do movimento operário e socialista, que pudesse, ao mesmo tempo, ser uma ferramenta de análise científica da ordem capitalista e do processo de exploração da força de trabalho e da produção de riqueza, além de dar uma base à organização política do proletariado na luta contra o capitalismo e pela sociedade comunista, e apontar o caminho para a emancipação dos trabalhadores mediante um processo de organização política dos próprios trabalhadores.

Para tanto, isso só possível a um certo desenvolvimento do modo de produção capitalista e da sociedade burguesa, que lhe corresponde. Sem o aparecimento do capitalismo e da grande indústria não haveria certamente o marxismo. Por isso, não foi possível o seu surgimento nas sociedades pré-capitalistas. É preciso que a própria sociedade de classes burguesa chegue a determinado nível de desenvolvimento das suas forças produtivas, por meio da Revolução Industrial, fazendo brotar uma nova classe de trabalhadores assalariados, com suas embrionárias organizações sindicais e políticas, para que o conflito antagônico entre capital e trabalho se aprofunde e, com ele, a

⁸⁴ Os documentos da I Internacional (Estatutos, resoluções, declarações, mensagens etc.) foram, em parte, reunidos em: MUSTO, Marcello (org.). *Trabalhadores, uni-vos! Antologia política da I Internacional*. São Paulo: Boitempo, 2014. A crítica às posições reformistas também pode vista em: MARX, Karl. *Salário, Preço e Lucro*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

constituição de uma nova corrente de pensamento no plano da filosofia e da ciência, no seio do movimento socialista em seu conjunto.

O marxismo é, nesse sentido, produto desse processo de transformação do proletariado de *classe em si* a *classe para si*: de classe desorganizada e inconsciente dos seus interesses essenciais e históricos a classe organizada e cada vez mais consciente dos seus projetos e reivindicações.

No que se refere particularmente ao processo de evolução do movimento operário e socialista, podemos dizer que, ao tempo em que os trabalhadores abriam essas brechas na ordem burguesa por meio da luta de classes para poder garantir a sua organização sindical e política e impor determinadas reivindicações e direitos. Assim ocorreu com a limitação da jornada de trabalho, a restrição ao trabalho de crianças, o aumento de salários e conquistas de melhores condições de trabalho.

Mas a burguesia também se conduziu no sentido de enquadrar a luta do proletariado e dos oprimidos em bases jurídicas que são favoráveis à própria continuidade da sociedade burguesa. Isso ocorreu, por exemplo, com a regulamentação dos sindicatos e do direito de greve, bem como na definição e regulação jurídica dos processos de negociação entre capital e trabalho, assentes no contrato de trabalho.

Em meio a esse processo, ocorre um conflito de concepções de história, sociedade e de luta de classes no movimento operário e socialista. Na essência dessa nova concepção de sociedade e de história, desenvolvida por Marx e Engels, está o fato de que os comunistas, armados pelo materialismo histórico-dialético e pela análise científica e crítica do capitalismo, passaram a confiar decisivamente na organização e na mobilização dos trabalhadores e dos oprimidos, no sentido não só de combater a exploração capitalista e as opressões, como para avançar na luta pela superação da própria sociedade capitalista e de classes, na construção do socialismo, como transição à sociedade sem classes, comunista.

A emancipação dos trabalhadores passa então a ser concebida como produto da luta e da organização dos próprios trabalhadores. Essa confiança na organização e luta dos trabalhadores se torna cada vez mais sólida, quanto mais avança a experiência dos fundadores do marxismo na luta de classes.

Não à toa, desde que Marx e Engels ingressaram na Liga dos Comunistas, passaram a jogar um papel fundamental na constituição dessa organização como um verdadeiro partido proletário. Os intelectuais burgueses e os setores reformistas da esquerda não podem obscurecer o fato de Marx e Engels foram homens que tomaram partido, o partido da classe operária, dos explorados e oprimidos.

Não podem negar o esforço descomunal dos fundadores do marxismo para constituir a I Internacional, a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a sua participação na construção de partidos políticos, em particular do Partido Socialdemocrata Alemão, que se tornou posteriormente, o partido mais importante do movimento socialista internacional. Por isso mesmo, Marx e Engels continuam a inspirar a esquerda revolucionária mundial não só quanto à análise da sociedade atual, mas quanto ao processo de organização política em partido.

De toda sorte, não se pode olvidar, portanto, nesse ponto da análise a influência das fontes políticas anteriores a Marx e Engels, não só das primeiras correntes do movimento socialistas, apesar de todas as suas debilidades e lacunas teóricas e científicas, como das experiências – vitórias e derrotas, avanços e retrocessos – do movimento operário: sindicatos, associações, o Cartismo. Também deram especial atenção aos eventos revolucionários de sua época, a começar pela revolta dos trabalhadores da Silésia, na década de 1840, passando pelas revoluções de 1848 e pela Comuna de Paris, de 1871. Essa última experiência, analisada por Marx em *A guerra civil na França* (1871) serviu de referência para a têmpera dos revolucionários do final do século XIX e começo do século XX.

2.6. Síntese: do idealismo ao materialismo, do democratismo radical ao comunismo

Depois dessa caminhada, é possível fazermos uma síntese. O processo teórico-político que conduziu Marx e Engels do idealismo jovem-hegeliano ao materialismo e do radicalismo democrático ao comunismo não é simples. É um movimento dialético, contraditório e muito complexo. Não é, portanto, linear, é

marcado por avanços, recuos, evolução gradual e verdadeiros saltos dialéticos, teóricos e políticos.

No *Prefácio à Para a Crítica da Economia Política*, Marx sintetiza o seu itinerário teórico-político, junto com Engels:

Minha especialidade era a Jurisprudência, a qual exercia contudo como disciplina secundária ao lado de Filosofia e História. Nos anos de 1842/43, como redator da Gazeta Renana (*Rheinische Zeitung*) vi-me pela primeira vez em apuros por ter que tomar parte na discussão sobre os chamados interesses materiais. As deliberações do Parlamento renano sobre o roubo de madeira e parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que o Sr. Von Schaper, então governador da província renana, abriu com a Gazeta Renana sobre a situação dos camponeses do vale do Mosela, e finalmente os debates sobre o livre-comércio e proteção aduaneira, deram-me os primeiros motivos para ocupar-me de questões econômicas. (...).⁸⁵

Como dissemos acima, os fundadores do marxismo foram discípulos de Hegel, o maior pensador burguês da sociedade moderna. Disto não se pode ter dúvida. A tentativa de subestimar a influência do hegelianismo na formação teórica e política de Marx e Engels é infantil e despropositada. Marx foi um dos maiores estudiosos e conhecedores da filosofia de Hegel de sua época, junto com outros brilhantes hegelianos como Bauer e Feuerbach.

É a partir desse formidável referencial teórico-metodológico que Marx e Engels iniciam a sua trajetória acidentada e elaboram os seus primeiros textos, de 1837 a 1843. Desse período, podemos citar as cartas de Marx e Engels à sua família e amigos, os textos publicados em revistas e no jornal Gazeta Renana, de Colônia, apesar de que, já em 1842-43, podemos observar um verdadeiro salto nas análises expostas por Marx nos brilhantes artigos públicos no jornal de Colônia.⁸⁶

Na *Gazeta Renana*, Marx não é mais que um democrata radical – certamente mais democrata e mais radical que todos os outros jovem-hegelianos de sua época -, um homem que defende os camponeses pobres contra o avanço da grande propriedade privada e dos interesses mercantis, que defende a liberdade de imprensa contra o despotismo da monarquia

⁸⁵ MARX, Karl. Prefácio a Para a Crítica da Economia Política. In: MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, pp. 24.

⁸⁶ Os textos da Gazeta Renana podem ser encontrados em: MARX, Karl. *Liberdade de imprensa*. Porto Alegre: L&PM, 2006; *Os despossuídos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

alemã, em particular da Prússia. Um homem que consegue perceber as contradições do direito burguês, ao exprimir as transformações econômicas, sociais e políticas da sua época, em particular os interesses mercantis dos proprietários privados, em meio à exploração, opressão e miséria da massa de trabalhadores.

Engels, por sua vez, ao transferir-se da Alemanha para a Inglaterra em 1842, também, conhece uma experiência política marcante, ao tomar contato com os trabalhadores das fábricas inglesas em Manchester e visitar os bairros operários. Nesse mesmo ambiente industrial e marcadamente capitalista, Engels conhece as organizações políticas do proletariado inglês, em particular os Cartistas. Da observação dessa realidade, Engels vai recolhendo os elementos para a elaboração de textos cada vez mais críticos da sociedade burguesa e da exploração dos trabalhadores pelos capitalistas.

Em 1843, Marx deixa a Gazeta Renana e se volta para o estudo da filosofia do direito e do Estado de Hegel. Durante alguns meses, estuda entusiasticamente as concepções do velho filósofo burguês, e chega a uma conclusão fundamental para o processo de elaboração de uma nova concepção teórico-política: o Estado deve ser analisado e explicado pela sociedade, pelos condicionamentos histórico-sociais e não o contrário, como supunha Hegel e os jovens hegelianos.

Vejamos como o próprio Marx relata esse feito:

O primeiro trabalho que empreendi para resolver a dúvida que me assediava foi uma revisão crítica da filosofia do direito de Hegel, trabalho este cuja introdução apareceu nos *Anais Franco-Alemães (Deutsch-Französische Jahrbücher)*, editados em Paris em 1844. Minha investigação desembocou no seguinte resultado: relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser explicadas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais de vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome de "sociedade civil" (*bürgerliche Gesellschaft*), segundo os ingleses e franceses do século XVIII; mas que a anatomia da sociedade burguesa (*bürgerliche Gesellschaft*) deve ser procurada na Economia Política. Comecei o estudo dessa matéria em Paris, mas tive que continuá-la em Bruxelas, para onde me transferi em consequência de uma ordem de expulsão do Sr. Guizot

Nos textos do final de 1843 e início de 1844, dos quais podemos citar, por exemplo, a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1843), *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel* (1844) e *A questão judaica* (1844), fica patente essa nova perspectiva de encarar a relação entre o Estado, a política e a sociedade. Já nos *Manuscritos de Paris* (1844), *Manuscritos Econômico-filosóficos* (1844) e *Glosas Críticas Marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”, de um prussiano* (1844) é possível perceber um avanço quanto aos estudos de Economia Política e da perspectiva de transformação radical do capitalismo.⁸⁷

Basta salientar que já na *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*, publicado no início de 1843 nos famosos *Anais Franco-alemães* – revista teórica lançada por Marx e Ruge em Paris –, Marx concebe a necessidade de uma revolução radical e, pela primeira vez, defende a tese do proletariado como a classe fundamental do processo histórico de transformação, mas ainda tem uma visão marcadamente filosófica da revolução e da própria classe operária. Em *A questão judaica*, Marx faz uma diferença entre revolução política e revolução social, entre emancipação política e social, mostrando as limitações burguesas da primeira e a necessidade da segunda.

Nos *Manuscritos Econômico-filosóficos*, de 1844, Marx faz a primeira análise substancial do caráter explorado e alienado do trabalho e do produto da força de trabalho no capitalismo, propugnando por uma transformação comunista dessa sociedade, ainda também marcadamente filosófica. Nas *Glosas Críticas*, por outro lado, Marx consegue claramente conceber a classe operária como capaz de se organizar e lutar por sua emancipação social.

⁸⁷ Cf. as seguintes obras: MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005; *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. In: MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005; *A questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010; *Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2006 e *Glosas Críticas Marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”, de um prussiano*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. Cf. também: MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013; BOTTIGELLI, Émile. *A gênese do socialismo científico*. São Paulo: Mandacaru, 1974; MACLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990; LAPINE, Nicolai. *O jovem Marx*. Lisboa: Caminho, 1983; CORNU, Auguste. *Carlos Marx; Federico Engels: del idealismo al materialismo histórico*. Buenos Aires: Editoriales Platina, 1965; LÖWY Michael. *A teoria da revolução no jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012; DUMÉNIL, Gérard, LÖWY, Michael e RENAULT, Emmanuel. *Ler Marx*. São Paulo: Editora Unesp, 2011; FREDERICO, Celso. *O jovem Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

Como isso pôde ocorrer? A partir de suas chegadas à Inglaterra e à Paris – no caso de Engels, em 1842, quando passou a trabalhar nas fábricas de seu genitor; de Marx, final de 1843 -, e nos meses seguintes, os fundadores do marxismo tomam contato com os grupos de trabalhadores e associações operárias, que agregavam os trabalhadores, em geral artesãos, que sentiam na pele os efeitos do desenvolvimento da industrialização e do assalariamento. Esse processo de aproximação às organizações dos trabalhadores na Europa, a participação em espaços de reuniões, assembleias, manifestações operárias, fez com os nossos autores fossem se convertendo em verdadeiros revolucionários e pensadores práticos. Passam, portanto, a tomar parte nas organizações operárias. Esse vínculo entre o desenvolvimento do pensamento do idealismo jovem-hegeliano ao materialismo e do democratismo radical ao comunismo é, certamente, um elemento fundamental na formação do marxismo.

É o pensa também Mandel, ao manifestar a seguinte posição:

Seu engajamento para com e no movimento operário torna-se, aliás, a precondição para que eles possam efetuar a mais importante de suas contribuições à história: a fusão progressiva do movimento real de emancipação dos trabalhadores e as principais conquistas do socialismo científico.

Devido a isso, o itinerário individual de Marx e Engels se entrecruza com uma série de encontros, apreensões, situações e conflitos que os orientam e reorientam sucessivamente. Junto com os resultados de suas análises científicas críticas – ou seja, a um exame crítico dos dados das principais ciências sociais de sua época -, esses encontros determinam suas tomadas de posição teórico-políticas e a evolução delas, do neo-hegelianismo para o radicalismo político pequeno-burguês, da democracia pequeno-burguesa ao socialismo/comunismo, e do comunismo rudimentar ao socialismo/comunismo científico e revolucionário de sua maturidade.⁸⁸

É preciso realçar, no entanto, que Engels já havia publicado nos *Anais Franco-alemães* o seu *Esboço de crítica à economia política* (1843) e produzido textos substanciais sobre a realidade da classe trabalhadora na Inglaterra. Havia, inclusive, assumido o comunismo. É no ambiente de 1844, em Paris, que também Marx vai assumir-se comunista e fundir-se cada vez mais com o movimento operário e socialista.

⁸⁸ MANDEL, Ernest. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001, p. 79.

Esse processo de transformações teórico-políticas prepararam os fundadores do marxismo para o grande salto posterior. Quem conhece a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Engels, publicada em começos de 1845, consegue perfeitamente entender o quanto Marx e Engels evoluíram e deram passos fundamentais nos anos de 1842-1844. Estavam preparados teoricamente para conceber uma nova concepção de história e sociedade humana. Estavam também se preparando para assumir definitivamente a postura de verdadeiros militantes revolucionários. A obra de Engels sobre o capitalismo e a classe trabalhadora é certamente a primeira síntese geral do patamar de conhecimentos acumulados naqueles anos, nos campos da teoria social, econômica, política e cultural.

Desses primeiros estudos, transitórios para uma teoria social marxista, os fundadores do marxismo vão concluindo que:

1) vivemos numa sociedade capitalista, burguesa, em que domina o capital;

2) essa sociedade se baseia na exploração do trabalho da classe trabalhadora e estes produzem a riqueza que não lhes pertence e que lhe é expropriada pelos capitalistas;

3) o trabalho alienado é que produz a riqueza social, sob a forma de mercadorias, e o dinheiro joga um papel de primeira ordem numa sociedade desse tipo;

4) a classe trabalhadora precisa romper as cadeias que a oprime, precisa se organizar em sindicatos e partidos políticos;

5) essa sociedade não é a etapa final do processo histórico real, mas apenas uma fase transitória, portanto, superável por um processo social de transformação: a revolução social.

Esse processo teórico-político, em meio ao entrecruzamento e a fusão da teoria revolucionária com o movimento operário e socialista, concluirá com a elaboração da *concepção materialista da história*, que terá sua primeira sistematização mais geral e mais ampla em *A ideologia alemã* (1845-1846) e a sua síntese em programa político em *O Manifesto Comunista* (1848).

2.7. As múltiplas fontes e a síntese marxista

Para além das fontes tradicionalmente citadas pela literatura marxista e não marxista da obra de Marx e Engels, como a filosofia clássica alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês, podemos observar em toda a obra dos fundadores do marxismo uma multiplicidade de fontes nas quais se ampararam para elaborar a sua concepção materialista da história, de base dialética, além da crítica do capitalismo e as tendências de desenvolvimento da luta de classes do proletariado por sepultar o sistema de exploração e iniciar a construção do socialismo.

2.7.1. Historiografia sobre as revoluções burguesas

Na medida em que os fundadores do marxismo adentram ao espaço da luta de classe do proletariado e de suas organizações, vão necessitando cada vez mais tomar contato com a literatura que analisava, até aquele momento, os acontecimentos das revoluções democrático-burguesas na Europa.

Como se sabe, a Inglaterra e a França foram palco de profundas transformações econômicas, políticas e ideológicas, na medida em que a sociedade feudal, em desagregação, abria caminho ao desenvolvimento das relações de produção capitalistas e à ascensão da burguesia como classe economicamente dominante, que necessitava conquistar o poder político, organizar o seu Estado e criar as condições para a consolidação do seu domínio de classe.

A Revolução Inglesa, no século XVII, e a Revolução Francesa, no século XVIII, foram a expressão dessas transformações e a síntese dos conflitos sociais entre a burguesa e a nobreza, proprietários de terras e clero. Os historiadores dessas revoluções, em particular, os franceses da época da restauração, como François Guizot (1787-1874), Mignet, Augustin Thierry (1795-1856) e Thiers (1797-1877), ao encararem essas transformações como produto do conflitos de interesses sociais e políticos de classes e exporem, em dados, uma análise desse processo, certamente, contribuíram para o desenvolvimento das posições de Marx e Engels.

Franz Mehring, em *Karl Marx: a história de sua vida*, nos fornece uma indicação desses estudos de Marx:

O estudo da Revolução Francesa o levou à literatura histórica do “Terceiro Estado”, uma literatura que se organizou durante a restauração dos Bourbon e foi desenvolvida por homens de grande talento histórico que investigavam a existência histórica de sua classe desde o século 11 e apresentavam a história francesa como uma série ininterrupta de luta de classes. Marx deveu seu conhecimento da natureza histórica das classes e suas lutas a esses historiadores – ele menciona em particular Guizot e Thierry – e então se voltou ao estudo da anatomia econômica das classes de economistas burgueses, mencionando Ricardo em particular. Marx sempre negou ter descoberto a teoria da luta de classes. O que reivindica como sua contribuição foi ter fornecido a prova de que a existência das classes estava atada às lutas históricas definitivas no desenvolvimento da produção (...). Essa série de ideias foi desenvolvida durante sua permanência em Paris.⁸⁹

De fato, é exatamente assim que Lênin coloca a questão:

Desde a grande Revolução Francesa, a história da Europa em muitos países revelou com particular evidência esta causa real dos acontecimentos: a luta de classes. Já na época da Restauração, se tinha visto aparecer em França um certo número de historiadores (Thierry, Guizot, Mignet, Thiers) que, na sua síntese dos acontecimentos não puderam deixar de reconhecer que a luta de classes era a chave que permitia compreender toda a história de França. Quanto à época moderna, a da vitória completa da burguesia, das instituições representativas, do sufrágio alargado (senão universal!), da imprensa quotidiana barata que penetra nas massas, etc..., a época das associações poderosas e cada vez mais vistas, as dos operários e as dos patrões, etc., mostrou ainda com mais evidência (embora por vezes sob uma forma muito unilateral, “pacífica”, “constitucional”) que a luta de classes é o motor dos acontecimentos.⁹⁰

Marx e Engels tiraram dessas lições dos historiadores das revoluções burguesas todas as consequências possíveis do ponto de vista da teoria e do programa revolucionário, não só quanto às potencialidades revolucionárias do proletariado, pelo seu papel no processo de produção capitalista, como também ao fato de que essas lutas levam ao fim e a cabo ao problema do poder, isto é, à necessidade dos trabalhadores conquistarem o poder para estabelecer o seu domínio de classe.

⁸⁹ MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013, p. 87.

⁹⁰ Cf. LÊNIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. São Paulo: Global Editora, 1979, p. 26.

2.7.2. Historiografia sobre a revolução industrial

O processo da Revolução Industrial, especialmente na Inglaterra, deu-se nas últimas décadas do século XVIII e começos do século XIX. Esse acontecimento significou a introdução da última palavra na técnica da época, isto, do sistema de máquinas modernas.

Como observa Riazanov, por volta de meados do século XVIII,

começaram a se modificar as próprias bases técnicas da produção. As antigas ferramentas dos artesãos são substituídas por máquinas. Esta inovação se efetua antes de tudo no principal ramo da indústria inglesa, o têxtil. A aplicação sucessiva de uma série de inventos transforma a técnica da tecelagem e da fiação. Não enumerarei todas estas invenções; bastará saber que desde 1780 os teares para tecer e fiar figuram entre elas. Em 1875, Watt inventa sua máquina a vapor, aperfeiçoada, que permite instalar as fábricas nas cidades, que até então eram localizadas às margens de cursos de água, que forneciam a energia necessária. Daí as condições favoráveis para a concentração da produção. A partir de 1785 começam as tentativas para aplicar o vapor como força motriz em diversos ramos industriais. Porém, o progresso da técnica não foi assim tão rápido, como às vezes se pretende em alguns textos correntes; o período desta grande revolução industrial abarca desde 1760 até 1830. A máquina de fiar automática, hoje muito difundida em nossas fábricas, não era muito aperfeiçoada até 1852; a de tecer, adquiriu sua forma atual em 1813, se bem que os primeiros teares tinham sido inventados antes de 1760 (o de Cartwright em 1785), isto é, muito antes desta data.⁹¹

O resultado foi o incremento na capacidade produtiva capitalista na produção de mercadorias para abastecer o mercado, diminuindo o tempo socialmente necessário para a fabricação dos produtos e, portanto, barateando os seus preços. Evidentemente, a concorrência entre os capitais levou a um processo de concentração e centralização nas mãos daqueles capitalistas, que conseguiram incorporar mais rapidamente essas novas técnicas à produção.

Do ponto de vista dos trabalhadores, a Revolução Industrial significou o aumento da exploração e da intensidade do trabalho, bem como o aprofundamento do controle do capital sobre a força de trabalho. Nas obras de Marx e Engels, encontramos uma análise profunda desse processo de

⁹¹ RIAZANOV, David. Marx-Engels e a história do movimento operário. São Paulo : Global editora, 1984, p. 16.

transformações, embasada em dados e informações constantes em livros, documentos, relatórios e jornais da época.

Em livros como *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), de Engels, e *O Capital*, de Marx, há uma grande quantidade de dados e autores que trataram sobre essas questões. Marx também desenvolveu uma série de estudos e manuscritos sobre a temática do desenvolvimento da técnica.⁹²

2.7.3. As pesquisas nas ciências naturais e sociais

Marx e Engels acompanharam com grande atenção o desenvolvimento científico de sua época não só no campo das ciências naturais como, principalmente, das ciências sociais. E isso ocorreu desde os seus primeiros escritos importantes sobre o desenvolvimento histórico e das formações sociais.

É possível perceber pela leitura de *A ideologia alemã* (1845-1846) que Marx e Engels procuraram sintetizar, no corpo da *concepção materialista da histórica*, expressa nesta obra, as aquisições dos historiadores e demais pensadores, que hoje poderíamos ligar a vários campos do conhecimento humano (Antropologia, Etnologia, Arqueologia, etc.), uma análise sobre as sociedades pré-capitalistas (sociedades primitivas ou originárias, escravistas antigas, feudais, por exemplo) e sobre a própria sociedade burguesa.⁹³

Esse mesmo esforço pode ser apreendido nas leituras de obras como *Grundrisse* (1958-1959), especialmente na parte que trata sobre as *Formas que antecederam a produção capitalista*. No corpo de *O Capital* (1867), Marx frequentemente remete o leitor a aspectos importantes das sociedades pré-capitalistas, com a intenção de ilustrar as suas análises da sociedade capitalista, propriamente dita.⁹⁴

No capítulo sobre a acumulação primitiva do capital, Marx remonta às origens do modo de produção capitalista, quando uma série de transformações ocorridas na economia, na sociedade, na política e na cultura convergem para

⁹² Cf. ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2007; MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.

⁹³ MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2002.

⁹⁴ Cf. MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011; *Formações econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991; *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017, no qual se encontra o capítulo sobre a acumulação primitiva do capital.

a expropriação dos produtores diretos e para o enriquecimento de uma classe de comerciantes, criando as condições para o desenvolvimento do capitalismo. Em *O Capital*, é possível observar as verdadeiras raízes do capitalismo: expropriação forçada de produtores diretos, exploração das riquezas das colônias, escravização de trabalhadores negros, extermínio das populações indígenas, enfim, uma brutal exploração da força de trabalho assalariada nascente.

Nos últimos anos de vida, Marx teve um papel decisivo nos estudos dos conhecimentos científicos nas áreas das ciências naturais e sociais para o desenvolvimento do materialismo histórico-dialético. É o que diz, por exemplo, Musto em seu livro recentemente publicado no Brasil, intitulado *O velho Marx*:

Por fim, sua mente enciclopédica, guiada por uma curiosidade intelectual inesgotável, o instigava a atualizar constantemente seus conhecimentos e a manter-se bem informado sobre os últimos desenvolvimentos científicos. Foi por essa razão que, nos derradeiros anos de vida, Marx redigiu dezenas de cadernos de apontamentos e sínteses de uma quantidade enorme de volumes de matemática, fisiologia, geologia, mineralogia, agronomia, química e física, além de artigos de jornais e revistas, documentos parlamentares, estatísticas e relatórios e publicações de órgãos estatais, como no caso no caso dos já mencionados *livros azuis*.⁹⁵

As principais aquisições teóricas dessa época, como a Teoria da Evolução, de Charles Darwin, as pesquisas sobre a célula, as investigações e descobertas sobre magnetismo e eletricidade, as invenções tecnológicas, a implementação dessas técnicas na produção capitalistas são estudadas com o maior interesse pelos fundadores do marxismo. Autores como Ernst Haeckel, Charles Lyell, Huxley, Clausius von Helmholtz, entre outros, aparecem em seus estudos sobre ciências, sempre a partir de uma apreciação crítica.⁹⁶

São também conhecidas as incursões de Marx nas matemáticas, de modo que os seus manuscritos e comentários de passagens de diversos autores dessa área estão aos poucos sendo estudados. Sobre esses estudos, aliás, declara Mehring:

⁹⁵ MUSTO, Marcello. *O velho Marx*. São Paulo: Boitempo, 2018, pp. 25-26.

⁹⁶ Cf. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cartas sobre las ciencias de la naturaleza e las matemáticas*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1975.

Marx também procurava recreação intelectual em um campo bem diferente, na matemática. Principalmente em momentos de angústia mental e outros sofrimentos, ele procurava consolo nos números, que exerciam um efeito tranquilizante sobre ele.⁹⁷

No campo das ciências sociais, são particularmente importantes os cadernos elaborados por Marx sobre as obras de diversos autores como Lewis Henry Morgan, John Budd Phear, Maksim Kovalévski, entre outros, que foram também estudadas pelos dois revolucionários, de maneira sempre crítica.⁹⁸

Sobre esses estudos, Musto relata o seguinte:

Entre dezembro de 1880 e junho de 1881, os interesses de estudo de Marx foram absorvidos por mais uma disciplina: a antropologia. Marx deu início a seu aprofundamento com o livro *A sociedade antiga* (1877), do antropólogo norte-americano Lewis Henry Morgan (1818-1881), recebido, dois anos depois de sua publicação, do etnólogo russo Maksim Kovalévski (1851-1916), que o trouxera no retorno de uma viagem à América do Norte.

Esse texto, a cuja leitura Marx dedicou particular atenção – interessou-o sobretudo a relevância que Morgan atribuía à produção e aos fatores técnicos como precondições do desenvolvimento do progresso social –, revelou-se determinante, a ponto de levá-lo a redigir sobre ele um compêndio, que contava com densas páginas. Essas anotações compõem a parte principal dos chamados *Cadernos etnológicos*. Em seu interior, figuram também os fichamentos de outros volumes: *Java, or How to Manage a Colony* [Java, ou como administrar uma colônia] (1861), de James Money (1818-1890), advogado e estudioso especializado em Indonésia; *The Aryan Village in India and Ceylon* [A aldeia ariana na Índia e no Ceilão] (1880), de John Phear (1825-1905), presidente da suprema corte do Sri Lanka; e *Lectures on the Early History of Institutions* [Lições sobre a história antiga das instituições] (1875), do historiador Henry Maine (1822-1888), perfazendo um total de mais de cem folhas. As comparações entre as teorias desses autores, feitas por Marx em seus compêndios, levam a supor que todo esse material foi elaborado num período relativamente breve, e que, em sua base, estava a vontade de realizar um estudo exaustivo da matéria.(...)

⁹⁷ MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013, p. 487.

⁹⁸ Cf. MARX, Karl. *Escritos sobre la comunidade ancestral*. La Paz: Vicepresidencia de Bolivia, 2015; MARX, Karl e ENGELS, Federico. *El porvenir de la comuna rural rusa*. México: PYP, 1980; MARX, Karl e ENGELS, Federico. *Sobre el modo de producción asiático*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1969; MARX, Karl. *Los apuntes etnológicos de Karl Marx*. Madrid: Siglo XXI, 1988; O domínio britânico na Índia. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. 3, s/d; *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013; MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sobre el colonialismo*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1973.

As pesquisas que acompanharam a sua composição foram realizadas com o objetivo preciso de aumentar seu conhecimento acerca de períodos históricos, áreas geográficas e temáticas consideradas fundamentais para a continuidade de seu projeto de crítica da economia política. Ademais, essas investigações permitiram a Marx adquirir informações particulares sobre as características sociais e institucionais do passado mais remoto, das quais ele ainda não dispunha quando redigira os manuscritos e as obras dos anos 1850-1860, e, afinal, estavam em dia com as teorias mais recentes dos mais eminentes estudiosos de cada área.

Marx dedicou-se a esse estudo, muito custoso em termos de energia, no mesmo período em que ainda ambicionava completar o segundo volume de *O Capital* – e não o fez movido por mera curiosidade intelectual, mas com uma intenção rigorosamente teórico-política. Seu objetivo era reconstruir, com base na corrente consciência histórica, a sequência provável com a qual, no curso do tempo, haviam-se sucedido os diferentes modos de produção. Essa sequência lhe servia também para fornecer fundamentos históricos mais sólidos à possível transformação comunista da sociedade.⁹⁹

Os *Cadernos etnológicos* tratavam, evidentemente, de uma série de temas:

Perseguindo o seu objetivo, ao redigir os *Cadernos etnológicos*, Marx redigiu longos compêndios e interessantes anotações sobre a pré-história, o desenvolvimento dos vínculos familiares, as condições das mulheres, a origem das relações de propriedade, as práticas comunistas existentes em sociedade pré-capitalistas, a formação e a natureza do poder estatal, o papel do indivíduo, além de outras questões mais próximas de sua época, como, por exemplo, as conotações racistas de alguns antropólogos e os efeitos do colonialismo.¹⁰⁰

De modo geral, Morgan havia demonstrado, diz Musto:

na contracorrente de todas as hipóteses anteriores, que havia sido um grave erro sustentar que na *gens* era “posterior [...] à família monogâmica”, entendendo-a como resultado de um “agregado de famílias”. Em seus estudos sobre a pré-história da humanidade e das sociedades antigas, ele chegou a uma conclusão de grande interesse para Marx. A família patriarcal não deveria ser considerada a unidade básica e originária da sociedade, mas sim, uma forma de organização social surgida posteriormente, numa época mais recente do que em geral se acreditava. Ela era “uma organização demasiadamente frágil para enfrentar, sozinha, as dificuldades da existência”. Muito mais plausível era supor a presença de uma forma como a

⁹⁹ Cf. MUSTO, Marcello. *O velho Marx*. São Paulo: Boitempo, 2018, pp. 31-32.

¹⁰⁰ Idem, p. 32.

assumida pelos aborígenes da América, a família sindiásmica, “na qual se praticava o princípio do modo de vida comunista”.¹⁰¹

Outras questões chamaram bastante a atenção de Marx, ao estudar a obra de Morgan: a origem do conceito de família, as relações entre os sexos e as raízes da propriedade privada. Esses temas foram retomados por Engels na obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), a partir de anotações deixadas por Marx, dando enormes contribuições ao desenvolvimento do materialismo histórico.

Numa certa divisão de trabalho com Marx, de se pôr a par desses avanços e estudá-los minuciosamente. Engels acabou desenvolvendo algumas obras que tratam das descobertas, inventos e teorias que movimentaram o campo das ciências da natureza desde o século XVI até o XIX. Quem deseja saber como os fundadores do marxismo estudaram e se apoiaram no amplo avanço científico de sua época é obrigado a ler obras como *Anti-Dühring* (1876-1878), *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (1880), *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem* (1876) e *Dialética da Natureza* (1883), todos de Engels.¹⁰²

2.7.4. As teorias políticas modernas

Para além da historiografia sobre as grandes revoluções burguesas, Marx e Engels também estudaram os grandes filósofos e cientistas políticos, que não só formularam as concepções de mundo modernas da burguesia em ascensão, como também os pensadores que procuraram legitimar a ordem capitalista, a partir do momento em que a burguesa se torna a classe politicamente dominante.

¹⁰¹ Idem, p. 33. É com base nessa compreensão mais geral, que Marx critica as posições de Henry J. S. Maine, com quem, segundo Musto, “travou constante polêmica nas páginas de seus compêndios. Em seu livro *Lições sobre a história antiga das instituições*, ele concebera “a família privada [como a] base a partir da qual se haviam desenvolvido o *sept* e o *clã*”. O desacordo de Marx em relação a essa tentativa de mover para trás os ponteiros da história, transferindo a época vitoriana para a pré-história, levou-o a afirmar que “o sr. Maine, como um estúpido inglês, não procede da *gens*, mas do patriarca, que mais tarde se converte no chefe etc. Asneiras!”. (Idem, p. 33).

¹⁰² ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. São Paulo: Boitempo, 2015; *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975; *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: edições Sociais, v. I, 1975; ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

Autores como John Locke, Thomas Hobbes, Montesquieu (1689-1755), Rousseau (1712-1778), além dos pensadores iluministas do século XVIII, como Voltaire (1694-1778) e Diderot (1713-1784), foram analisados em todas as suas contribuições ao estudo da sociedade moderna e suas instituições políticas.

Aliás, em certo sentido, esses autores acabaram por antecipar elementos que seriam assimilados incorporados criticamente pelos fundadores do marxismo em nova concepção. Mandel afirma que os próprios historiadores franceses que estudaram as revoluções democrático-burguesas na época da restauração haviam sido antecidos por outros pensadores:

Aliás, eles já tinham sido precedidos nessa via por alguns autores ingleses e alemães, principalmente Schiller, em seu estudo sobre a revolução dos Países Baixos no século XVI. Alguns grandes pensadores do *Século das Luzes*, principalmente Voltaire e Montesquieu, já tinham estabelecido que a história é determinada, em última análise, pelas condições materiais nas quais ela se desenrola. Mas eles tendiam a privilegiar as condições naturais (clima, situação geográfica, raças etc.) e as políticas (constitucionais) ao invés das condições sociais e econômicas. Jean-Jacques Rousseau e Condorcet avançaram ainda mais nessa direção.¹⁰³

Observamos também que Marx e Engels assimilaram o que de melhor foi realizado pelos primeiros pensadores socialistas, em suas críticas à sociedade capitalista e às suas instituições político-jurídicas. Ao longo das obras de Marx e Engels é possível perceber como os fundadores do marxismo avaliaram e criticaram os principais filósofos e cientistas políticos, que exerceram alguma influência no pensamento burguês e no movimento socialista de sua época.¹⁰⁴

2.7.5. A arte e a literatura

Marx e Engels foram profundos e entusiastas admiradores da arte e da literatura. Esses dois campos de ação humana permeiam todos os poros de suas obras e, frequentemente, os fundadores do marxismo remontam aos escritores para ilustrar as suas análises e as épocas históricas.

¹⁰³ MANDEL, Ernest. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001, pp. 27-28.

¹⁰⁴ ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. São Paulo: Boitempo, 2015; *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975.

Em suas recordações sobre Marx, Paul Lafargue tece algumas considerações sobre o interesse do revolucionário alemão sobre a arte e a literatura:

Era, como Darwin, um aficionado leitor de novelas; preferia as novelas do século XVIII, particularmente *Tom Jones*, de Fielding. Os autores modernos que mais o cativavam eram Paul de Kock, Charles Lever, Alexandre Dumas, pai, e Walter Scott. *Old Mortality*, deste último, era para ele uma obra magistral. Agradavam-lhe os contos alegres e as narrações de aventuras. Seus autores preferidos eram Cervantes e Balzac. Em *Dom Quixote* notava a epopeia da cavalaria agonizante, cujas virtudes iam se convertendo, envolvidas no mundo burguês nascente, em motivos de zombaria e de ridículo. Admirava tanto a Balzac, que alimentava o propósito de redigir uma obra crítica sobre *A Comédia Humana*, tão logo tivesse terminado sua obra sobre economia política. Balzac não foi somente o historiador de seu tempo, mas também o criador de tipos proféticos que não existiam na época de Luís Felipe mas que, estando em estágio embrionário, desenvolveram-se apenas depois de sua morte, durante o período de Napoleão III. Marx lia correntemente em todas as línguas europeias e escrevia em três: alemã, francesa e inglesa, de tal modo que assombrava àqueles que tinham como seus idiomas maternos estas línguas – “Um idioma estrangeiro é uma arma de luta pela existência”, costumava afirmar, e tinha muita facilidade para aprendê-las, facilidade herdada pelas filhas. Ao completar cinquenta anos, começou a aprender russo, e ainda que esta língua não tenha nenhuma relação etimológica com os outros idiomas modernos que ele conhecia, sabia bastante, depois de seis meses de estudo, para poder ler os poetas e escritores russos: Pushkin, Gogol, Schedrin.¹⁰⁵

Mehring, em *Karl Marx: história de sua vida* relata a relação de Marx com a arte e a literatura:

Marx procurava recreação e descanso mental na literatura, e em toda sua vida isto era um grande consolo para ele. Possuía um conhecimento amplo neste campo sem se vangloriar dele. Seus trabalhos, em geral, mostravam pouco desta leitura ampla. Mas no livro sobre Vogt ele usou inúmeras citações de todas as literaturas da Europa para seu propósito artístico. Assim, como seu trabalho científico refletia toda uma época, sua literatura favorita também era aquela que refletia sua época; de Ésquilo e Homer a Dante, Shakespeare, Cervantes e Goethe. De acordo com Lafargue, Marx lia Ésquilo no texto grego original pelo menos uma vez por ano. Ele sempre foi um amante fiel dos gregos antigos e teria expulsado do templo a chicotadas esses mercadores desprezíveis que

¹⁰⁵ LAFARGUE, Paul. Karl Marx: recordações pessoais. In: RIAZANOV, David (org.). *Marx: o homem, o pensador, o revolucionário*. São Paulo: Global, 1984, p. 86-87.

semeiam entre os trabalhadores a repulsa à cultura do mundo clássico.

Marx conhecia totalmente a literatura germânica desde a Idade Média. Goethe e Heine eram seus favoritos entre os autores alemães modernos. A Schiller, parecia ter certa ojeriza desde a juventude, tempo em que os burgueses alemães demonstravam um entusiasmo efusivo de filisteus pelo mal entendido “idealismo” do poeta, coisa que para Marx parecia pouco mais do que uma tentativa de vestir a miséria banal com frases altamente elaboradas. Depois de sua ruptura final com a Alemanha, não se preocupou muito com a literatura alemã moderna, e não menciona nem mesmo escritores como Heibel e Schopenhauer, que realmente deveriam merecer sua atenção, enquanto que o mau trato que faz Richard Wagner da mitologia alemã recebeu uma crítica demolidora.

Na literatura francesa, gostava muito de Diderot e considerava seu *O sobrinho de Rameau* magistral do começo ao fim. A literatura iluminista francesa do século 18 também era apreciada por ele. Sobre isto Engels uma vez declarou que representava o fruto supremo do intelecto francês, tanto na forma como no conteúdo, sendo que no que se refere ao conteúdo segue ocupando um lugar importante aos olhos de todos que conhecem o estado do desenvolvimento científico daquela época, e que a forma nunca foi igualada desde então. Os românticos franceses eram completamente rejeitados por Marx, e em particular Chateaubriand, cuja profundeza falsa, exageros bizantinos, sentimentalismo barato – resumindo, sua desonestidade sem paralelos – Marx sempre considerou questionável. Por outro lado, a *Comédia humana* de Balzac o enchia de entusiasmo por englobar toda uma época no espelho da arte. De fato, era sua intenção escrever um estudo sobre Balzac depois que tivesse terminado seu próprio grande trabalho, mas, como muitos de seus planos, deu em nada.¹⁰⁶

Quando Marx passou a morar em Londres, após as jornadas revolucionárias de 1848 e o desencadeamento da contrarrevolução na Europa, a literatura inglesa passou, evidentemente, a ocupar um espaço maior nas suas leituras. É o que descrê Mehring:

a figura impressionante de Shakespeare dominava o horizonte. De fato, toda a família praticava o que poderia ser chamado de um culto shakespeariano. Infelizmente, Marx nunca tratou da atitude de Shakespeare em relação às grandes questões de seu tempo. Ao se referir a Byron e Shelley, no entanto, declarou que quem amasse e entendesse estes dois poetas deveria considerar que felizmente Byron morreu aos 36 anos, pois se tivesse vivido mais certamente teria se tornado um burguês reacionário. Ele lamentava, por outro lado, que Shelley tenha morrido aos 29 anos, pois era completamente

¹⁰⁶ MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013, p. 485-486.

revolucionário e teria permanecido no caminho do socialismo por toda a vida. (...)

Em seus julgamentos literários, Marx era completamente livre de todos os preconceitos políticos e sociais, como mostram sua apreciação de Shakespeare e Walter Scott, mas nunca assinou embaixo da ideia de “pura estética”, de “arte pela arte”, que frequentemente significam indiferença política ou mesmo servilismo. A este respeito, tinha um intelecto viril e independente, não mensurável por fórmulas estereotipadas. Ao mesmo tempo, não era de forma alguma muito seletivo em suas escolhas e não hesitava em ler produções que fariam eruditos escolares se benzerem de horror.¹⁰⁷

Os escritos de Marx e Engels sobre arte e literatura foram, durante o século XX, sendo compilados e publicados por iniciativa de alguns marxistas.¹⁰⁸ Alguns autores, como Lukács e Mikhail Lifschitz viram nesses escritos, reunidos de cartas e passagens de livros, uma fonte para entender os fundamentos da concepção marxista da estética. A ideia central era que, apesar de Marx e Engels não terem escrito uma obra específica sobre arte e literatura, suas obras continuam os fundamentos teórico-metodológicos para a elaboração de uma estética.¹⁰⁹

O fundamental é que, de fato, Marx e Engels se manifestaram continuamente sobre problemas da arte e da literatura de sua época e de outras, e, frequentemente, encaravam-nas como uma ferramenta axial na construção de suas concepções teórico-políticas ao longo de décadas de trabalho.

¹⁰⁷ Idem, p. 486.

¹⁰⁸ Cf. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

¹⁰⁹ Cf. LUKÁCS, György. *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2012, pp. 11-37; LIFSCHITZ, Mikhail. *Prólogo*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2012, pp. 39-62.

3. Conclusões

O presente texto tratou da origem e fontes do marxismo. Procuramos situar o leitor sobre o contexto histórico do desenvolvimento do capitalismo e das revoluções burguesas do século XVII e XVIII, além das correntes de pensamento propriamente ditas existentes antes da formação das concepções de Marx e Engels, que tiveram – como não poderia deixar de ser – profunda influência sobre Marx e Engels.

Percebemos que para além das fontes ordinariamente citadas nos livros e manuais marxistas em geral – a filosofia clássica alemã, a economia clássica inglesa e o socialismo francês – percebemos toda a riqueza de ideias desenvolvidas ao longo de séculos de evolução da Filosofia e das Ciências da natureza e sociais, que desembocaram no pensamento social moderno e revolucionário dos fundadores do marxismo.

Demonstramos, antes de tudo, que não há qualquer resquício de sectarismo ou exclusivismo por parte da teoria marxista. Ao contrário, os marxistas sempre destacaram as influências que tiveram na formação desse corpo de ideias. Não é possível compreender profundamente a corrente de ideias marxista sem levar em conta todo o processo de desenvolvimento da sociedade capitalista, da industrialização, dos movimentos políticos da burguesia e as primeiras correntes socialistas utópicas e pré-proletárias.

Marx e Engels foram alvo de ataques, deformações, falsificações e calúnias reiteradamente ao longo dos últimos 170 anos. No século XX, o marxismo foi declarado morto diversas vezes. E, no entanto, a cada situação de crise do capitalismo, a cada situação revolucionária em curso, Marx e Engels reapareciam como verdadeiros gigantes do pensamento social e da luta por superar o capitalismo.

Por que a burguesia e seus políticos e intelectuais têm tanta necessidade de declarar reiteradamente a morte do marxismo? Por que têm necessidade de caluniar, deformar e falsificar fatos da vida privada e da obra de Marx e Engels? Por que setores da própria esquerda, reformistas e ex-marxistas, procuram combater as posições revolucionárias no seio do movimento social e renegar o marxismo e o programa revolucionário de transformação do capitalismo e construção do socialismo?

A resposta está no fato de que Marx e Engels foram não só pensadores, mas fundamentalmente revolucionários. Lutaram toda a vida pela causa do proletariado, pela destruição do capitalismo. Está também no fato do marxismo expressar a necessidade histórica de superar a sociedade de classes e construir uma nova sociedade, sem classes, exploração e opressões.

Por mais que os intelectuais e políticos da burguesia e os reformistas em geral combatam o marxismo, enquanto o capitalismo estiver vigente com todas as suas contradições sociais, políticas e econômicas, o marxismo será a concepção de mundo, história e sociedade que servirá como guia para a ação revolucionária e para a organização do movimento de massas contra a exploração e as opressões.

Enquanto existir capitalismo e a produção de riqueza por meio da exploração da força de trabalho assalariada, o proletariado continuará sendo a classe revolucionária, capaz de para a produção social e liderar o conjunto dos trabalhadores e oprimidos no processo de transformação social. E o partido político revolucionário será a forma política adequada e insubstituível no processo de organização das massas trabalhadoras com um programa de transformação do capitalismo e construção do socialismo.

O marxismo, como qualquer corrente de pensamento filosófico-científica pode ser objeto de crítica e debate. Não há qualquer problema nisso. Uma corrente teórica que não admite ser criticada não pode ser outra coisa senão algo assemelhado ao dogma religioso. Agora, é necessário que a crítica seja acompanhada por um estudo rigoroso. O marxismo sempre usou esse método na crítica de outros pensadores e correntes de ideais. Seus críticos, igualmente, precisam para serem justos estudar as obras de Marx e Engels e dos principais marxistas do século XX, para que possam formular uma crítica coerente do socialismo científico. Sem isso, dificilmente conseguirão o seu propósito.

Não obstante, como o marxismo não é dogma, nem uma receita para aplicar indiscriminada e mecanicamente a toda a realidade, uma série de questões do século XX e do presente século XXI têm de ser objeto de análise e compreensão a partir do método do materialismo histórico e dialético. O presente texto deve ser uma ferramenta para a aplicação da dialética materialista à análise e compreensão da realidade, em permanente mudança.

4. Bibliografia

- BOTTIGELLI, Émile. *A gênese do socialismo científico*. São Paulo: Mandacaru, 1974.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- COGGIOLA, Osvaldo. *Engels: o segundo violino*. São Paulo: Xamã, 1995.
- CORNU, Auguste. *Carlos Marx; Federico Engels: del idealismo al materialismo histórico*. Buenos Aires: Editoriales Platina, 1965.
- DUMÉNIL, Gérard, LÖWY, Michael e RENAULT, Emmanuel. *Ler Marx*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ENGELS, Friedrich. *Dialética da Natureza*. Lisboa: editorial Presença, 1974.
- _____. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975.
- _____. Sobre o papel do trabalho do trabalho na transformação do macaco em homem. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. I, 1975.
- _____. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. São Paulo: Edições sociais, 1975.
- _____. Esboço de crítica da economia política. In: ENGELS, Friedrich. *Política*. São Paulo: Ática, 1981.
- _____. *Trabalho assalariado e capital*. São Paulo: Global Editora, 1987.
- _____. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- _____. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. *Anti-Dühring*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- _____. Prefácio da quarta edição alemã. In: MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- FERNANDES, Florestan. *Marx, Engels, Lênin: a história em processo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FEUERBACH, Ludwig. Teses provisórias para a reforma da filosofia. In: *Princípios da filosofia do futuro*. Lisboa: Edições 70.
- _____. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FREDERICO, Celso. *O Jovem Marx: as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Cortez, 1995.
- GABRIEL, Mary. *Amor e Capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- GRESPLAN, Jorge. *Marx*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- HEGEL, G. w. F. *Ciência da Lógica*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.
- _____. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- HOBBSAWM, Eric. *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- LAFARGUE, Paul. Karl Marx: recordações pessoais. In: RIAZANOV, David (org.). *Marx: o homem, o pensador, o revolucionário*. São Paulo: Global editora, 1984.
- LAPINE, Nicolai. *O jovem Marx*. Lisboa: Caminho, 1983.

- LEVEBVRE, H. *Para compreender o pensamento de Karl Marx*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- LENIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. São Paulo: Global, 1979.
- LIFSCHITZ, Mikhail. *Prólogo*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- LÖWY, Michael. *A Teoria da Revolução no Jovem Marx*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- LUKÁCS, Georg. *O Jovem Marx e Outros Textos Filosóficos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- _____. *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A sociedade comunista primitiva e sua dissolução*. São Paulo: Edições Iskra, 2015.
- MANDEL, Ernest. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001.
- MARX, Karl. *Diferenças entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. Porto: Editorial Presença, 1972.
- _____. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. *Prefácio à Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. *Introdução*. In: MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. *Los apuntes etnológicos de Karl Marx*. Madrid: Siglo XXI, 1988.
- _____. *Formações econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. *Teses sobre Feuerbach*. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- _____. *Miséria da Filosofia: resposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon*. São Paulo: Centauro, 2003.
- _____. *Introdução à Crítica da filosofia do direito de Hegel*. In: *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- _____. *Salário, Preço e Lucro*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- _____. *Liberdade de imprensa*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- _____. *A questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. *Glosas Críticas Marginais ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social", de um prussiano*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- _____. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. *Escritos sobre la comunidade ancestral*. La Paz: Vicepresidencia de Bolivia, 2015.
- _____. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- _____. *Posfácio da segunda edição*. In: MARX, Karl. *O Capital: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- _____. *Os despossuídos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

- _____. O domínio britânico na Índia. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, v. 3, s/d.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sobre el modo de produccion asiático*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1969.
- _____. *Sobre el colonialismo*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1973.
- _____. *Cartas sobre las ciencias de la naturaleza e las matemáticas*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1975.
- _____. *Cartas Filosóficas e Outros Escritos*. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- _____. *El porvenir de la comuna rural rusa*. México: PYP, 1980.
- _____. *O manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- _____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- _____. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- _____. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- MACLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- MEGHANAD, Desai. Economia Política. In: BOTTOMORE, Tom (Ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013.
- MUSTO, Marcello (org.). *Trabalhadores, uni-vos! Antologia política da I Internacional*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos [1881-1883]*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- NAPOLEONI, Claudio. *Smith, Ricardo, Marx*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- NAVES, Márcio B. *Marx: ciência e revolução*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora Unicamp, 2000.
- NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2006.
- NOVACK, George. *Introdução à Lógica Marxista*. São Paulo: Sundermann, 2005.
- _____. *As origens do materialismo*. São Paulo: Sundermann, 2015.
- RENAULT, Emmanuel. *Vocabulário de Karl Marx*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- RIAZANOV, David. *Marx e Engels e a história do movimento operário*. São Paulo: Global, 1984.
- RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SIQUEIRA, Sandra M. M. e PEREIRA, Francisco Pereira. *Marx Atual*. Salvador-BA: Arcádia, 2013.
- _____. *Marx e Engels: Uma introdução*. Salvador-BA: LeMarx, 2017.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SWEEZY, Paul M et al. *Do feudalismo ao capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- TROTSKY, Leon. *Em defesa do marxismo*. São Paulo: Sundermann, 2011.
- _____. *Trotsky e Darwin. Escritos de Trotsky sobre a teoria da evolução, dialética e marxismo*. Brasília: Editora Kiron, 2012.
- WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e Escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.